
Crónica de onomástica paleo-hispânica (5)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O

À imagem do que se verificou nas crónicas precedentes, as entradas agora publicadas, num total que se aproxima das três dezenas, são, na sua grande maioria, respeitantes a nomes ibéricos. Desta vez, porém, dos nomes comentados, somente uma minoria foi dada a conhecer nos últimos anos.

A B S T R A C T

As in preceding reviews, Iberian names are the main subject of the almost thirty entries included in this paper. However, unlike previous occasions, only a few of those names have been published in recent years.

agírtigi. Placa de chumbo. El Tossal de La Balaguera (La Pobla Tornesa, Castelló). Allepuz, 2001, p. 179 e Fig. 85:6.

Este NP ibérico, por nós identificado na crónica anterior (Faria, 2002a, p. 234), é um dos muitos nomes próprios em cuja composição entra o elemento *tigi*, sendo os outros *Artigi* (TIR, J-30, p. 89), *Astigi* (TIR, J-30, p. 91) (Pérez Vilatela, 1998, p. 162; Silgo, 2000a, p. 290) (**arstigi?*), **autigi/au(n)tigi** (Faria, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 158, 1994a, p. 66, 69, 2000a, p. 123; Pérez Vilatela, 1998), **biurtigi** (F.9.3) (MLH III 1, p. 235), **bodotigi** (F.9.5) (Silgo, 1994, p. 139; Faria, 1995a, p. 81, 2000b, p. 64), *Cantigi* (TIR, J-30, p. 175), **Gorotigi** (C.1.9) (MLH III 1, p. 235), *Lastigi* (TIR, J.29, p. 99), *Olontigi/Olunt(igi)* (TIR, J-29, p. 119) (Pérez Vilatela, 1998, p. 162), *Saltigi* (Faria, 2000a, p. 138; Silgo, 2000a, p. 290), *Sosintigi* (Silgo, 2000a, p. 290) e *Tigino* (K.3.11) (Faria, 2002b, p. 137) (reconhecemos que este último caso é duvidoso, quanto mais não seja porque *tigi* surge como segmento inicial). Através da compilação destes testemunhos, pretendemos demonstrar dois factos:

- O componente onomástico em análise é mesmo *tigi* (Untermann, 2001, p. 200), e não *-(t)igi* (De Hoz, 1989, p. 443-554, 2001, p. 132; Torres Ortiz, 2002, p. 325), *-igi* (Untermann, 1962, p. 21; Villar, 2000, p. 249-256; De Hoz, 2001, p. 130; DCPH I, p. 46) ou *-ci* (Gorrochategui, 1993, p. 418);
- Tanto a extensão da área de distribuição de *tigi* como a identificação linguística dos formantes nominais com os quais combina provam que este elemento faz parte da língua ibérica (Untermann, 2001, p. 200; *contra*, De Hoz, 1989, p. 563, 1995a, p. 597-598, 1995b, p. 24; Gorrochategui, 1993, p. 418; DCPH I, p. 46; Torres Ortiz, 2002, p. 325).

Ossigi (TIR, J-30, p. 259), NL trazido à colação por De Hoz (1989, p. 554) com vista a fundamentar a existência de um sufixo *-igi*, admite perfeitamente uma segmentação em *Ossi-gi* (outros exemplos deste sufixo em Faria, 2000a, p. 125, 2002b, p. 123). Aliás, é de aceitar a possibilidade de *Ossi-* consistir no resultado da adaptação ao latim do formante onomástico ibérico **use**, que se repete em **usecerde/usecefde** > *Osicerda*. Talvez não seja por acaso que, nos manuscritos plinianos, *Osicerda* surge invariavelmente sob a forma *Ossigerda* (Beltrán, 1996, p. 289 e n. 4).

Além de *tigi*, que, como acabámos de ver, faz certamente parte do repertório onomástico ibérico, também *Atinius/-a*, *Antullus/-a*, *Brocc(h)us* e os NNP derivados deste (*Broccius*, *Brocilla* e *Brocina*) estão longe de pertencer à onomástica “indígena”, “andaluza”, “meridional” ou “turdetana” (*contra*, Untermann, 1985, p. 4; De Hoz, 1989, p. 561, 1995a, p. 598, 1995b, p. 24, 2001, p. 129; Gorrochategui, 1993, p. 418; González, 1993, p. 134), indiciando a vasta área de distribuição de todos eles (*OPEL* I, p. 136, 202, 322; Villar, 2000, p. 337-341, 344-346) uma clara procedência latina (Kajanto, 1965, p. 38, 175, 238; Abascal, 1994, p. 44, 305). Por esta mesma razão, *Antulla* nada deve ter que ver com a antroponímia ibérica (*contra*, Silgo, 1994, p. 38).

an(n)duaCui. Moedas. *Obulco*. (Porcuna, Jaén). CNH 346:36.

O nexos de signos com que se iniciam os NNP **an(n)duaCui** (Faria, 1991a, p. 17, 1994b, p. 39, n.º 44, 1996a, p. 152, 2000a, p. 125-126, 2001a, p. 206) e **angioniís** (Faria, 1991a, p. 18, 1994b, p. 38, n.º 36, 1995a, p. 79, 2000a, p. 125-126, 2001a, p. 206) mereceu ao longo das últimas quatro décadas pelo menos três interpretações distintas (Faria, 2000a, p. 126), não tendo tal facto servido de obstáculo a que García-Bellido e Blázquez (*DCPH* I, p. 148, n. 93) declarassem peremptoriamente, em obediência ao preceito instituído pelo Professor Correa (2001, p. 312, n. 43), que o dito nexos configura um “signo ibérico meridional aún no transcrito”.

Ao contrário do que julgam ambas as numismatas (*DCPH* II, p. 209), é com G21b (= **Te**), e não com G22b (= **an**), que se inicia o nome de um dos magistrados que assinam a única emissão atribuída à chamada “ceca incierta meridional”, devendo este ser transliterado como **Tegiailcoís** (Faria, 1990-1991, p. 74, 1991a, p. 18, 1994b, p. 54, n.º 360, 1996a, p. 173; Correa, 2001, p. 312).

Temos, aliás, de confessar que são de tal modo clamorosas as insuficiências por nós detectadas nos dois volumes do *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos*, mormente no que toca à leitura e à interpretação de dezenas de legendas, tanto ibéricas como latinas, que não é fácil acreditar que o Professor Javier de Hoz “ha revisado toda la obra, especialmente aquellos asuntos de carácter epigráfico” (*DCPH* I, p. 13). Além de nos depararmos com transcrições de legendas ibéricas já refutadas pelo próprio Javier de Hoz — e.g., **liosiscer** (*DCPH* II, p. 204) por **niosiscer** (Faria, 1994b, p. 50, n.º 265, 1994c, p. 122; De Hoz, 1995c, p. 319) —, as raras emendas introduzidas na segunda versão do *corpus* de magistrados (*DCPH* I, p. 140-153) não serviram de contrapeso à inserção de novos erros (para já não falarmos das abundantes omissões), a acrescentar à lista dos que havíamos identificado (Faria, 1996a) na primeira versão daquele (García-Bellido e Blázquez, 1995).

Os erros agora cometidos afectam em especial as transliterações dos nomes dos magistrados reproduzidos na numária de *Obulco*, muitos dos quais, de resto, já tinham sido distorcidos pelas mesmas autoras noutra ocasião (García-Bellido e Blázquez, 1995, p. 398, *passim*). Nesta oportunidade, deparamo-nos com **otatiís** (*DCPH* I, p. 148, *DCPH* II, p. 291), **ilteratin** (*DCPH* II, p. 291), **tuibibolai** (*DCPH* I, p. 148, n. 92, *DCPH* II, p. 291), **tuibiiboren** (*DCPH* I, p. 148, *DCPH* II, p. 292), G22a(n)**tuakoi** (*DCPH* I, p. 148, *DCPH* II, p. 292), **kabesuribi** (*DCPH* I, p. 148, n. 92, *DCPH* II, p. 292), **bekoeki** (*DCPH* I, p. 148, *DCPH* II, p. 292) e **neseltuko** (*DCPH* I, p. 148, *DCPH* II, p. 292), transliterações que deviam ter dado lugar, respectivamente, a **odac(i)ís** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17, 1992, p. 43, 1994b, p. 51, n.º 283, 1995a, p. 84,

1996a, p. 167, 2000a, p. 138, 2001b, p. 101), **ildiradin** (*MLH I 1*, p. 335, 337; Faria, 1991a, p. 17, 1994b, p. 46, n.º 189, 1996a, p. 161, 2000a, p. 133), **TuiTubolai** (*MLH I 1*, p. 334, 337; Faria, 1991a, p. 17, 1994b, p. 54, n.º 372), **TuiTuiboren** (*MLH I 1*, p. 334, 337, Faria, 1991a, p. 17, 1994b, p. 54, n.º 373, 1996a, p. 174), **an(n)duaCui** (Faria, 1991a, p. 17, 1994b, p. 39, n.º 44, 1996a, p. 152), **Caśsuritu** (*MLH III 1*, p. 190, Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 1994b, p. 42-43, n.º 112, 1994c, p. 123, 1995a, p. 81, 1995c, p. 326, 1996a, p. 158, 2000a, p. 130), **becuegi** (Faria, 1994b, p. 41, n.º 76, 1995a, p. 83-84, 1996a, p. 155, 2000a, p. 128) e **neselducu** (Faria, 1994b, p. 49, n.º 261, 1995a, p. 83-84, 1996a, p. 166, 2000a, p. 137). As curiosas exceções constituídas por **śibibolai** e **urCailbi**, transliterações ilegitimamente reivindicadas por García-Bellido e Blázquez, serão tratadas adiante.

arsbigis. Moedas. **arśe** (Sagunto, Valência). *CNH 304:2*, 5.

Velaza (2002a, p. 135, 146, nn. 58-60), na esteira de Ripollès (1999a), absteve-se de contar toda a história da “recuperación de la forma correcta” (esquemáticamente: **arsbigisTeegiar** > **arsakiskuekiar** > **arsbigisTeegiar**), pelo que não podemos deixar de sugerir a leitura de alguns artigos, nos quais este assunto mereceu um tratamento mais circunstanciado (Faria, 2000a, p. 127-128, 2001b, p. 96-97, 2002b, p. 122-123). Observemos apenas um exemplo do pouco empenho que aquele autor colocou na descrição do processo que conduziu à “lectura recuperada” (Velaza, 2002a, p. 135): referindo-se aos numerosíssimos trabalhos que, ao longo de quase meio século, veicularam a leitura **arsakiskuekiar**, Velaza (2002a, p. 146, n. 60) afirma que “un elenco casi exhaustivo puede encontrarse en Velaza, “Una inscripción...”, pp. 127-128”. Ficamos a aguardar um esclarecimento deste iberista sobre o título, conteúdo, local e data de publicação de um texto que, pelo menos para nós, resulta num total mistério. Entretanto, convirá notar que, decerto por mera coincidência, pode ser encontrado num artigo nosso (Faria, 2000a) um elenco quase exaustivo dos ditos trabalhos, justamente nas p. 127 e 128...

Muito embora tal não seja reconhecido expressamente, verificamos que Velaza (2002a, p. 135) está agora disposto a perfilhar o nosso parecer segundo o qual **egiar** figura sempre a seguir a um NP, que pode apresentar, ou não, o sufixo **-Te** (Faria, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995a, p. 80, 2000a, p. 128, 2001b, p. 97), retirando assim todo o crédito que, em mais de uma ocasião (Velaza, 1991, p. 66, 1996a, p. 53, 1996b, p. 317), atribuíra à sequência **ku-egiar** (Faria, 2001b, p. 97). É certo que Velaza, a partir de 1996, reportando-se implicitamente a **[i?]besunin-Te-egiar** (F.13.8), passou a reconhecer a existência de casos “dudosos o de lectura insegura” (Velaza, 1996b, p. 317, 2002a, p. 135), mas não é menos verdade que, anteriormente, admitia sem tergiversar, inspirado por Untermann (*MLH III 1*, p. 186), a transliteração **ibesunin-ku-ekiar** (Velaza, 1991, p. 66). Por percurso semelhante parece ter enveredado Rodríguez Ramos, que, depois de subcrever uma abnegada defesa da ocorrência de **[i]besumin-ku ekiar** (Rodríguez Ramos, 2002a, p. 125), resolveu assumir uma postura mais cautelosa, sem explicar os motivos que presidiram à mudança de atitude: “-ku [...] probablemente [sublinhado nosso] substituya a -te como marca de agente ante **ekiar** en algún caso [que se dispensa de especificar]” (Rodríguez Ramos, 2002b, p. 204). Em contrapartida, bem menor foi a prudência revelada por Díaz Sanz e Jordán Cólera (2001, p. 307): “[l]a secuencia **kue** aparece en otras más largas: [...] **kuekiar** [F.13.8]; **kuekiar** [F.13.7]”.

Retomando a análise do nosso NP, declara Velaza (2002a, p. 146, n. 62) que “no está de más recordar que el elemento **ars-** [*sic*, por **arś-**] no parece tener relación alguna con el radical del topónimo **arśe**, puesto que las vibrantes que presentan ambos son diferentes”. Talvez não ficasse mal a Velaza ter citado Silgo (1988, p. 68-70) a propósito deste assunto.

Na análise dos nomes de magistrados patentes nas moedas de **ar̄se-Saguntum**, Velaza nor-teou-se apenas pelos nossos artigos (Faria, 1994b, 1996a), mas não soube interpretar as referências bibliográficas neles contidas, designadamente os trabalhos produzidos por Beltrán (1978) e Curchin (1990), ao transformar os números de catálogo (de magistrados) em números de páginas (Velaza, 2002a, p. 147-148, nn. 118-132).

Ainda no tocante à numária de **ar̄se-Saguntum**, importa salientar que a cabeça feminina com capacete (Llorens e Ripollès, 2002a, p. 70-75) e a proa de navio (Llorens e Ripollès, 2002a, p. 101-107), tipos usados logo a partir da segunda metade do século III a.C. até aos inícios do período imperial, avultam entre os mais frequentes nesta ceca, muitas vezes acompanhados pelo topónimo **ar̄se** e por nomes ibéricos de magistrados. Salta à vista a continuidade iconográfica entre as moedas “ibéricas” e “romanas”, pelo que não se deve relacionar o uso daqueles dois tipos com a obtenção do estatuto municipal por parte de *Saguntum* (*contra*, Beltrán, 2002, p. 165). Atendendo a que Plínio (*nat.* 3.19) reconhece a esta cidade a categoria de *oppidum ciuium Romanorum*, expressão equiparável, na documentação numismática, ao termo “*municipium*”, e sendo quase todos os dados de que ele se serve anteriores a 12 a.C., torna-se difícil atribuir à municipalização de *Saguntum* uma cronologia posterior a este ano (Faria, 1992, p. 34, 1995b, p. 91-93; *contra*, Velaza, 2002a, p. 139; Llorens, 2002, p. 262; Ripollès, 2002a, p. 296, 297, 2002b, p. 341; Llorens e Ripollès, 2002b, p. 68-69).

Também García-Bellido e Blázquez (*DCPH* I, p. 44) se abalançaram a tecer alguns comentários sobre **arsbigis**, mas a abordagem não foi a mais feliz, ao declararem que a legenda (*sic*) **arsbigisTeegiar̄/ar̄seetar̄** “parece repetir con distintos componentes el topónimo *arse/a [sic]*”, não hesitando, além do mais, em atribuir a Ripollès (1999a) uma tal enormidade. Na mesma linha de raciocínio, em nosso entender completamente incorrecta, as referidas investigadoras traduziram **arsbigisTeegiar̄** por “obra... **ar̄se**” (*DCPH* I, p. 47), descarregando mais uma vez em outrem (Faria, 1994b, p. 40; Ripollès, 1999a) a autoria de semelhante despropósito. Curiosamente, no Apêndice B do mesmo livro, no qual se encontram coligidos os nomes de magistrados em moedas hispânicas, figura **ar̄sbigis** (*DCPH* I, p. 140). Esta transliteração deve dar lugar a **arsbigis**, sendo errônea a leitura de Gómez-Moreno (1949, p. 278), para a qual remetem as autoras (*DCPH* I, p. 140, n. 6), que, sobre este tema, se terão limitado a consultar o artigo de Ripollès (1999), cujo conteúdo julgamos merecedor de alguns reparos (Faria, 2001b, p. 96-97).

Jbanbalces. Falcata. Sagunto (Valência). Rodríguez Ramos, 1998.

Não é nossa intenção retirar o apoio que demos recentemente à transcrição alvitrada por Rodríguez Ramos (1998) para este NP (**Jbanbalces**), podendo, de resto, em abono da mesma, ser aduzido o testemunho de **balcesgar̄** (B.1.60). No entanto, dada a nítida forma semicircular do primeiro e do terceiro signos, à qual o desenho apresentado por Rodríguez Ramos (1998, p. 228, Fig. 1) está longe de fazer justiça, vimos sugerir, com as reservas que as circunstâncias impõem, que **Jgengelces** configure a leitura acertada, partindo naturalmente do pressuposto que esta inscrição veicula a notação da oposição de sonoridade das oclusivas, atestada, ainda que a título excepcional, no País Valenciano (Correa, 1992, p. 255, 287, 288; *contra*, Rodríguez Ramos, 2000, p. 52 e n. 15, 2001 [2002], p. 35). Em todo o caso, deve excluir-se liminarmente a transliteração **kekebes**, aventada por De Hoz (1992) e secundada por García-Bellido e Blázquez (*DCPH* I, p. 44). No tocante à composição do presente NP, é provável que a mesma siga a regra maioritária na antroponímia ibérica, que consiste na combinação de dois segmentos dissilábicos. Tal não significa, contudo, que o NP em questão não possa ser trimembre. Efectivamente, ultrapassam já as três dezenas os NNP ibéricos presumivelmente compostos por mais de dois ele-

mentos. São eles **abařscubor** (Faria, 1994a, p. 66, 2002b, p. 135), **abelCirdican** (Faria, 1994a, p. 66, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), **abuloraun** (Faria, 1992-1993, p. 278, 1993a, p. 157-158, 1994a, p. 68, 2000a, p. 122-123, 2002b, p. 121-122), **adinbobeř** (Faria, 2000a, p. 122, 2002b, p. 127), **aiunicarbir** (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), **ařsboildir** (Faria, 2002b, p. 127), **ařscobor** (Faria, 1997, p. 106, 2002b, p. 135), **bartildun** (Faria, 1997, p. 107, 2000a, p. 122-123, 2002b, p. 124), BASTOGAVNINI (dat.) (Faria, 2002a, p. 240), [B]ELSDINICOR (Faria, 1995a, p. 80, 1997, p. 106, 2000a, p. 122; Ruiz Roig, 2001, p. 33, Fig. 2), **beřořturin** (Faria, 1999, p. 154), **betescongili** (Faria, 2002b, p. 134), **bilosleistiger** (Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), **biurtilaur** (Faria, 1997, p. 106, 107, 2000a, p. 122), **borbelior** (Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), **bortoloiCebobař** (Faria, 2002b, p. 127), **bosberiuun** (Faria, 2002b, p. 125), **Caresbobiğir** (Faria, 1994a, p. 67, 1997, p. 106, 2000a, p. 122, 2002b, p. 126-127), **Cařsuritu** (Faria, 1991a, p. 17-18, 1994b, p. 42-43, n.º 112, 1995a, p. 81, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), LESVRIDANTARIS (gen.) (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 122), **cobeřif** (Faria, 1997, p. 107, 2000a, p. 122), **culebober** (Faria, 2002b, p. 127), **eiařcidita[I]s** (Faria, 2002b, p. 128), **eiCesebiur** (Faria, 2002b, p. 128), GESELANDEN (Faria, 1995a, p. 81-82, 1997, p. 106, 2000a, p. 123), IVNT[I]BELSAR (Faria, 1997, p. 108), **lacereiartur** (Faria, 1992-1993, p. 278, 2002a, p. 235, 2002b, p. 128), **neselducu** (Faria, 1991a, p. 17-18, 1994a, p. 67, 1994b, p. 49-50, n.º 261, 1995a, p. 83-84, 1997, p. 106, 2000a, p. 123, 2002b, p. 135), [O?]LSAILACOS (*HEp*, 5, 1995, 31), **saliunibařs** (Faria, 2002a, p. 239), **[s]elğiberřař** (Faria, 1999, p. 156), **sinecunsir** (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123), SIR[A]STEIVN (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123), **talscubilos** (Faria, 2002b, p. 128, 135), THVRSCANDO (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 123), **uřtalarilun** (Faria, 1994a, p. 68, 1997, p. 106, 2000a, p. 123) e **uřtanatarřu** (Faria, 2002b, p. 138). Mesmo que alguns destes 37 testemunhos resultem da combinação de apenas dois elementos onomásticos, salta à vista a extrema leviandade com que Jesús Rodríguez Ramos tratou esta matéria (além do mais, omitindo a bibliografia pertinente, o que é, aliás, seu hábito): “[e]n alguna ocasión podrían existir compuestos trimembres, pero hasta el momento su documentación no es clara, al ser difícil de distinguir de un bimembre “normal” acompañado de un unimembre” (Rodríguez Ramos, 2002b, p. 204).

Depois desta pequena digressão, vale a pena tentarmos encontrar alguma fundamentação susceptível de sustentar a nossa hipótese segundo a qual **lgengelces** constitui a interpretação correcta. É certo que **gelces** não consta de nenhum outro NP, mas o mesmo não sucede com os monossílabos que o compõem, deixando tal circunstância entrever a eventualidade de estarmos perante um formante onomástico. Assim, **gel** ocorre em GELLI-ETAR (Velaza, 2002a, p. 132, 146, n. 42), enquanto **ces**, além de constituir a raiz do NL **cese** (Faria, 2002b, p. 132), encontra-se reproduzido no NP **laceřeces** (Faria, 2002a, p. 235). Por sua vez, **gen**, presumível monossílabo final do primeiro (ou segundo?) componente, figura em **balcařgen** (D.8.1) e em **iuntegen** (G.13.1).

Creemos, por conseguinte, ter demonstrado que a bondade da transliteração **lbanbalces** não está definitivamente estabelecida. Além da interpretação alternativa que acabámos de propor, não podem ser esquecidas as reservas de ordem paleográfica acima apontadas. Por outro lado, embora um tal obstáculo não seja de modo nenhum inultrapassável, a leitura aventada por Rodríguez Ramos tornaria este NP no único a incluir **balces** como último formante.

Βασιγερρος. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; *IGAI* 7.

Já observámos por diversas vezes que **Βασιγερρος**, helenização do NP ibérico **basigere* (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; De Hoz, 1993, p. 658; Faria, 1999, p. 154), é segmentável em **basi-gere* (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; Faria, 1999, p. 154, 2000b, p. 62, 2001b, p. 97-98), ocorrendo **basi**

igualmente nos NNP **basi-cof** (Untermann, 1998a, p. 12), **basi-balcaí** (F.14.1) e **basi-beś** (G.1.5). É, pois, por demais evidente a arbitrariedade de que se revestem as segmentações postuladas quer por Velaza (1992, p. 265, 2002a, p. 137) quer por De Hoz (1998, p. 120) para estes dois últimos NNP: **bas-i-balcaí** e **bas-ibeś**. No que toca a **basibeś**, não conhecemos nenhuma prova inequívoca da existência de **ibeś**, sendo em contrapartida numerosas as ocorrências do segmento onomástico **beś** (Faria, 1995c, p. 328, 2000a, p. 126, 2002b, p. 132).

Βασπεδ[--] é um dos raros NNP ibéricos que exhibe **bas** como formante inicial. Face aos sólidos alicerces em que assentam as propostas de restituição alvitadas tanto por Correa (1992, p. 266) como por Velaza (1992, p. 266-267), não vemos como é possível continuar a completar este NP como **Βασπεδ[αζ]** (Ripollès, 2002b, p. 321; Llorens e Ripollès, 2002b, p. 53) ou como **Βασπεδ[ων?]** (Lombardi, 2002, p. 81).

Voltando ao chumbo grego de Pech Maho, temos de sublinhar, por meritória, a opinião exarada por Ripollès (2002b, p. 321) no sentido de considerar iberas todas as testemunhas envolvidas na transacção descrita no dito documento, porquanto a mesma surge ao arrepio da doutrina “oficial” estabelecida por Javier de Hoz a partir de uma leitura claramente equivocada (v., em último lugar, Santiago e Gardeñes, 2002, p. 17-19). A ideia transmitida por Ripollès aproxima-se bastante da que vimos defendendo em diversos artigos que este deixou por citar (Faria, 1994a, p. 69, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63, 2001b, p. 99, 2002b, p. 128-129). Há, contudo, um ponto em que nos distanciamos do ilustre numismata: por uma questão de prudência, preferimos identificar como ibéricos os nomes das testemunhas arroladas, e não os próprios indivíduos, indo neste mesmo sentido o parecer recentemente emitido por Javier Velaza (2002b, p. 56).

[B?]ELGAVN. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

Na crónica precedente (Faria, 2002a, p. 240), preconizámos uma segmentação de]ELGAVN em]EL-GAVN, sustentada na identificação do segundo componente deste NP ibérico em BAS-TOGAVNINI (dat.) (*CIL* II *Suppl.* 6144) < **basto-gaun-in* (*MLH* III 1, p. 213, n. 21.2, 215, nn. 28, 28.1) e em *Illurgauones/Illergauonia* (*TIR*, K/J-31, p. 90; *TIR*, J-30, p. 199) < **ildur-gaun*/**ildir-gaun*. Quanto ao formante inicial, sobre o qual não nos pronunciámos naquela ocasião, de todos os que terminam em **-el**, **bel** posiciona-se como o melhor candidato, por ser o mais numeroso (Faria, 1995c, p. 324, 2002b, p. 125): BELCILE[SVS] (Gómez Pallarès, 1997, p. 88-90) < **belceles*, BELGONI (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 315–316, n.º 475), **belordin** (Fletcher e Silgo, 1991-1993, p. 90), **belsosin** (F.20.3), BELTESONIS (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 162, n.º 83), **borbelior** (C.2.3) e VNIBEL (*HEp*, 7, 1997, 300). Cremos também que a marca de ânfora BELNES (Chic García, 2001, p. 307) é passível de configurar um NP ibérico, naturalmente segmentável em BEL-NES.

Untermann (*MLH* III 1, p. 230), Correa (1992, p. 264) e Quintanilla (1998, p. 105, 133, 144, 188, 253, 281) decidiram restituir]ELGAVN como **s]elk(i)-aun*. Não se conhece, porém, nenhum caso em que a última vogal do formante **selgi**, inadvertidamente transformado por Rodríguez Ramos (2002b, p. 213) em **selci**, tenha sido assimilada à vogal inicial do segundo componente, constituindo SERGETON (*CIL* II 2114; Albertos, 1966, p. 205, 267, 276; Siles, 1985, p. 295; *MLH* III 1, p. 204, 231; Correa, 1992, p. 264; Faria, 1995c, p. 324; Quintanilla, 1998, p. 105, 133, 177, 188, 202, 253, 254, 281; Rodríguez Ramos, 2001a, p. 10, 2001b, p. 69) um claríssimo erro de leitura, a corrigir por SERGIETON (Albertos, 1983, p. 877; *CILA* 7 567 e Lám. 367 b; Abascal, 1994, p. 54, 505; *CIL* II²/7, 91) < **selgi-eton*.

Vem a propósito sublinhar que TARBANTV, outro dos NNP ibéricos mencionados no bronze ascolitano, objecto de uma entrada na crónica anterior (Faria, 2002a, p. 239-240), já tinha sido correctamente lido por Fatás (1993, p. 27; Fatás e Beltrán Lloris, 1997, p. 53, 55, 59; Fatás

e López Barja, 1997, p. 91) e por Marco (1998, p. 62). Também Marina Sáez (2001, p. 44, 45) adotou idêntica leitura, mas, na esteira de Fatás e Beltrán Lloris (1997, p. 59), não se coibiu de atribuir TARBANTV à onomástica indo-europeia. Algo pior esteve Patrick Le Roux (1995, p. 51), ao identificar como celtiberos (todos?) os cavaleiros pertencentes à *turma Salluitana*.

belse. Moedas. **belse.** CNH 42:41a, 44:54, 52:105.

Já por mais de uma vez ponderámos a eventualidade de este NL estar na origem do adjetivo étnico atestado no Bronze de Ascoli (ILLVERSENSIS) e em Plínio (*nat.* 3.24) (*Ilursenses*) (Faria, 1995c, p. 324-325, 1999, p. 155). O desconhecimento evidenciado por Luis Amela Valverde relativamente a esta nossa sugestão não deve ser motivo de perplexidade, visto que o mesmo investigador, além de ignorar que o Bronze de Ascoli foi achado em Roma (Amela, 2000, p. 79), admite, estribado em Fatás e Beltrán Lloris (1997, p. 58), que **Ilversa* se localiza em Lumbier (Amela, 2000, p. 84), não se dando conta de que este último NL é o resultado da evolução fonológica de **Ilu(m)beri* < *Ilu(m)beritani* (Plin., *nat.* 3.24) (Sancho Rocher, 1981, p. 88-89; Silgo, 1998-1999, p. 24; TIR, K-30, p. 131-132). Também García-Bellido e Blázquez passaram em silêncio a provável remissão de **Ilversa* para **belse**, ao mesmo tempo que recusavam a esta ceca uma entrada própria no catálogo (DCPH II). Além do mais, numa dracma pertencente a **belse** leram **asešaliř** (DCPH II, p. 205) onde está indubitavelmente **belsešaliř**, leitura que a equipara a CNH 44:54, e não a CNH 46:65.

Desconhecemos totalmente que localização terá sido a da cidade designada por **Ilversa*, mas não podemos deixar de equacionar a hipótese de este NL ter dado origem a *Elouesa*, patente em textos medievais datados de 982 e 1013, vindo esta forma toponímica a resultar em *Olesa* (de Montserrat e de Bonesvalls) (Coromines, 1996, p. 23). Cabe, no entanto, recordar que, além de *Elouesa* alternar com *Oluesa*, *Oulesa*, *Aulesa* e *Eulesa*, segundo Coromines (1996, p. 23), *Olesa* terá derivado do ibero-basco *Oloisia*. Inexplicavelmente, Moran, Batlle e Rabella (2002, p. 110-111) privilegiam a forma *Olesa*, inferindo-se da opção por eles tomada que entendem ser espúrias as variantes acima enunciadas.

beuipum(-n?). Moedas. **Beuipo*. Faria, 1992, p. 39-41.

catnipum(-n?) (Faria, 1989, p. 74-79) e **beuipum(-n?)** (Faria, 1992, p. 39-41) constituíram as nossas propostas de leitura de um NL que é, sem dúvida, o mais problemático de todos os que se documentam em moedas hispânicas. Espanta-nos, pois, que García-Bellido e Blázquez (DCPH II, p. 333) nos tenham também atribuído a autoria da transliteração **+betouibon**, a qual, de resto, deve ser liminarmente rejeitada.

Pertencem a esta ceca os numerosos divisores (semisses?) que viram a legenda toponímica em caracteres indígenas anulada mediante a aposição da contramarca S, presumível abreviatura de *Salacia* (Faria, 1995d, p. 145). Se María del Mar Llorens (2002, p. 268) tivesse prestado atenção ao que escrevemos sobre este tema, teria porventura evitado referir-se a “un as de Salacia/ceca incierta”, uma sucessão de três incorreções (v., no mesmo sentido, Llorens e Aquilué, 2001, p. 69 e n. 25) rematada com a sugestão, totalmente infundada, de que a dita contramarca foi aplicada na ceca de **cese** (Llorens, 2002, p. 268).

Algumas das cunhagens de **Beuipo*, todas elas pertencentes à época romana, exibem como tipo de anverso a cabeça de Neptuno, facilmente reconhecível pelo tridente que a acompanha (Faria, 1989, p. 92, 93, 96, 98, 1992, p. 41). Não faz, pois, nenhum sentido sustentar que “[e]n Salacia, cuando la romanidad llega, se cambiará la cabeza de Heracles por la de Neptuno (...)” (DCPH I, p. 60).

Llorens e Ripollès (2002, p. 93), ao tratarem da efígie de Heracles/Melqart na numária de **ařse-Saguntum**, invocaram as moedas de *Salacia* como paralelo, mas a verdade é que esta ceca jamais reproduziu a cabeça daquela divindade. *Imperatoria Salacia*, cidade que está “condenada” a ser conhecida por *Salacia Vrbs Imperatoria* (DCPH I, p. 39), cunhou apenas uma emissão composta por asses e semisses, tendo os respectivos aversos sido ocupados exclusivamente pela efígie de Neptuno. Além dos asses que ostentam no reverso a legenda IMP SAL entre duas linhas, erradamente interpretadas por Llorens e Ripollès (2002, p. 107) como fazendo parte de uma cartela, devia ter sido mencionada a série Vives 84:9 — cuja existência foi também escamoteada por García-Bellido e Blázquez (DCPH I, p. 335) —, que diverge de *RPC I, Suppl. S-51A* por não apresentar as referidas linhas (Faria, 1995d, p. 145). Os reversos dos semisses salacienses exibem a legenda IMP SALAC, particularidade omitida quer por Llorens e Ripollès (2002, p. 107) quer por García-Bellido e Blázquez (DCPH I, p. 335).

A existirem, as moedas com a legenda VRBS IMPERATORIA, mencionadas por Lázaro Lagóstena Barrios (2001, p. 54), não passam de falsificações modernas.

bolścen. Moedas. **bolšce* (Huesca). CNH 211:1-15.

Na opinião de Jesús Rodríguez Ramos (1997, p. 194), o NL *Segeda* pode remeter tanto para **segaiđa** como para **segeiđa**, transliteração por ele sugerida para uma das mais polémicas legendas monetárias celtibéricas. Tratar-se-ia certamente de um interessante tema de discussão, caso não estivéssemos em condições de determinar o valor silábico do terceiro signo da legenda monetária em análise. Assim, se tomarmos em conta os cada vez mais numerosos paralelos epigráficos, uns mais evidentes do que outros, mas todos partilhando uma inclinação a 90° (Untermann, 1990, p. 358, n. 50; Rodríguez Ramos, 1997, p. 194; *MLHIV*, p. 385, 445; Vicente e Ezquerro, 1999, p. 583; Velaza, 1999, p. 675-677; Rubio Orecilla, 1999, p. 139), teremos de preferir claramente **segeiđa** (CNH 231:1-18, 234:23-45) a **segaiđa**, e **segeiđacom** (CNH 234:19-22) a **segaiđacom**.

Não seria possível encontrar um paralelo mais perfeito para **segeiđa** do que o mesmo topónimo (que não a mesma localidade) em caracteres latinos. Efectivamente, SEGEIDA é a legenda que surge gravada sob um cavaleiro munido de lança no reverso de um chumbo monetiforme recolhido no Cerro del Castillo (Gerena, Sevilha) (Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 119 e lám. 28, n.º 9).

Considerando que o terceiro grafema de **segeiđa** e **segeiđacom** surge na segunda posição da legenda monetária até há pouco tempo lida como **ocalacom**, não pode haver quaisquer dúvidas de que é **ocelacom** a transliteração correcta (v. *infra*).

Sublinhe-se, a título de mera curiosidade, que a louvável preocupação patenteada por Capalvo (1996, *passim*) em restituir com inteira fidelidade os NNL mencionados nas fontes literárias greco-latinas não se estendeu à reprodução do signo que figura em terceiro lugar na legenda **segeiđa** (Capalvo, 1996, p. 148, n. 814).

O mesmo signo figura em penúltimo lugar na legenda monetária ibérica que tem vindo a ser sistematicamente transcrita como **bolścán**, pelo que esta deverá ser abandonada em favor de **bolścen** (Rodríguez Ramos, 2000, p. 44, 45, n. 6, 53). A ser assim, estaríamos tentados, num primeiro momento, a cotejar esta legenda monetária com outras que apresentam o esquema NL-**s-c(e)-en** (Pérez Orozco, 1993a, p. 225). No entanto, se partirmos do princípio, perfeitamente razoável, que *Oscá* constitui a latinização do NL ibérico (Corominas, 1972, p. 273), será necessário concluir que a oclusiva velar deve ter feito parte deste último, à imagem do que sucede com os NNL **ildirge**, **undige** (De Hoz, 1995c, p. 320) e, porventura, **Ennege* < ENNEGENSES (TSall) < **Indege* (Faria, 2002b, p. 132). A aférese da bilabial sonora que transparece da passagem de **bolścén** a **olścén** (CNH 211:7) é um fenómeno bem documentado na língua basca (Michelena,

1977², p. 258; Faria, 2002b, p. 124), sendo menos verosímil, face à ausência de paralelos, a ocorrência em **bolścen** de um prefixo *b-* (*contra*, *MLH I*, p. 247; De Hoz, 1995d, p. 275). Em contrapartida, tal como vem sendo reiteradamente defendido, a nasal que encerra a legenda monetária deverá configurar um elemento flexivo (Caro Baroja, 1947, p. 233 = 1985, p. 159, 1954, p. 741; *MLHI 1*, p. 89, 244, 246; *MLH III 1*, p. 165; Pérez Orozco, 1993a, p. 223-224; Gorrochategui, 1994, p. 122, De Hoz, 1995d, p. 275; Faria, 2001b, p. 98, 2002b, p. 125).

Centremos agora a nossa atenção naquele que julgamos ser o primeiro elemento do NL em análise. A sequência **-lś-**, caso único em contextos homossilábicos (Correa, 1994, p. 274, 2001, p. 309; Silgo, 2000b, p. 507), parece denunciar a síncope de uma vogal átona entre aquelas consoantes, prefigurando-se /e/ como a mais plausível, caso venha a ser comprovada a existência do elemento onomástico ibérico **boleś*. Este último consistiria no resultado da combinação de **bol** – presente no NL **bole* (**bol+e*) (*TIR*, K-30, p. 219, 221) bem como nos NNP **bol+s-co** (Faria, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67), **TuiTu-bol+ai** (*CNH 343:11-14*) e **śibi-bol+ai** (*CNH 342:8*) – com *eś*, esquema este (CVC + *eś*) que detectámos na composição de diversos elementos onomásticos (Faria, 1995c, p. 326). Estamos, portanto, persuadidos de que a legenda monetária **bolścen** terá derivado de **bolśce* < **boleśce*.

]cu eban[en?]. Bloco de calcário. Sagunto (Valência). Velaza, 2000.

Há três anos atrás (Faria, 2000b, p. 63), achávamos “razoável supor que o sufixo antropónimo *-cu*, abonado quer em **belencu** quer em **neselducu** [...], encerre o presumível NP reproduzido numa inscrição ibérica encontrada no teatro romano de Sagunto, não sendo aquele sufixo encarado por Velaza (2000, p. 132) como alternativa a **lacu**”. Hoje, se bem que a pista antropónica – NP + NP + **eban[...?]** – não possa ser definitivamente posta de parte, cremos ser mais viável, atentas as características monumentais da inscrição, que estejamos perante a sequência NL-**cu** + **eban[en?]**, correspondendo a primeira parte da mesma ao que se observa em **ces[e]cu**, **usecerdecu**, e, quiçá, em **belsecu(ai)** (Faria, 2002a, p. 234). É evidente que, neste caso, a tradução alvitrada por Velaza para o vocábulo **eban** (*‘filius’*) passaria a fazer menos sentido, ganhando em contrapartida maior pertinência a interpretação deste termo como forma verbal (*‘coeravit’/‘curavit’*) (Untermann, *MLH III 1*, p. 194, 1999; Pérez Orozco, 1993b, p. 64-66; Rodríguez Ramos, 2001b).

DIPO. Moedas. *Dipo* (localização indeterminada). *CNH 403:1-3*.

Ao invés do que querem fazer crer García-Bellido e Blázquez (*DCPH II*, p. 111), não se conhece nenhum numisma pertencente a esta ceca que veicule o rótulo toponímico BIPO. É, pois, pura perda de tempo a tentativa de reabilitar o NL *Bipone*, atestado na *Cosmografia* do Anónimo de Ravena (*DCPH II*, p. 111), quando é sabido que aquele não passa de um entre os numerosos erros presentes no referido texto (Rivet e Smith, 1979, p. 185-188; Sillières, 1990, p. 33; Dillemann, 1997, *passim*). Além do mais, a alternância B-/D- não seria justificável do ponto de vista fonológico.

Estando a emissão de *Dipo* representada no material numismático recolhido no acampamento romano de Cáceres el Viejo, os asses daquela ceca deverão pertencer aos finais do século II a.C. ou às duas primeiras décadas do século seguinte (Faria, 1995d, p. 147; Blázquez, 2002, p. 26). Uma data mais tardia, tal como a que é advogada por García-Bellido e Blázquez (*DCPH II*, p. 111), viria desacreditar a presumível cronologia do acampamento romano de Cáceres el Viejo, que não deve ser posterior ao ano 80 a.C. (Faria, 1995d, p. 147; Blázquez, 2002, p. 214).

edebanaí. Moedas. **afse** (Sagunt, València). Velaza, 2002a, p. 136.

A interpretação de **edebanaí** como NP (Velaza, 2002a, p. 136) parece-nos procedente, conquanto não seja a única possível, visto que **ede** constitui a base dos etnónimos *Edetani* < **Ede* e *EDEBENSES* < **Edeba* (Alföldy, 1987, p. 45-46; Sillières, 1990, p. 377; *TIR*, J-30, p. 346). O NL *Edeta* (*TIR*, J-30, p. 170-171) constitui, do nosso ponto de vista, um exemplo de derivação regressiva a partir de *Edetani/Edetania* (*contra*, Gómez Fraile, 2001 [2002], p. 76). **edeildur** (F.20.3) é um dos *comparanda* aduzidos por Velaza (2002a, p. 136) para o segmento inicial, mas temos de reiterar o nosso cepticismo sobre a veracidade de tal leitura (Faria, 1995a, p. 82). Tão-pouco poderemos secundar Velaza na identificação do sufixo de genitivo **-aí**, não havendo na numária ibérica, tal como na hispano-romana (Faria, 1996a, p. 150), nenhum exemplo inequívoco da utilização do genitivo aplicado a NNP.

Deste modo, não é de excluir a hipótese de **aí** pertencer ao segundo formante do composto onomástico, pelo que **ede-banaí** poderá ser a segmentação ajustada. O único óbice a esta solução reside na ausência de quaisquer outros testemunhos da ocorrência do elemento **anaí**.

Dadas as naturais dificuldades na gravação de cunhos de dimensões muito reduzidas, haveria, em alternativa, que encarar a hipótese de, com base num exame mais minucioso do exemplar 39a (Ripollès e Llorens, 2002, p. 327 e 365), **edebaiá** conformar a leitura apropriada. A ter sido assim, estaríamos em condições de reconhecer um paralelo para **baiaí** no segundo componente do NP **salbibaiá** (Rodríguez Ramos, 2002c, p. 207), caso fosse esta, e não **salbiriá** (Faria, 1990-1991, p. 77, 80, 87, 1992-1993, p. 278, 2000a, p. 138, 2002b, p. 128, 134), a leitura adequada.

ig(a)lesCen. Moedas. **Igle*/**Igli* (localização indeterminada). CNH 324:1-26.

Até hoje, ninguém pôs em causa a identificação dos **ig(a)lesCen** (“gen. pl.”) com os Ἰγλήτες mencionados por Estrabão (*Geogr.* 3.4.19) (Faria, 1991a, p. 15, 1992, p. 45). Esta relação, elidida quer por Ripollès (1999b, p. 145, e n. 1) quer por García-Bellido e Blázquez (*DCPH* II, p. 171), já havia sido estabelecida por Gómez-Moreno (1949, p. 185), que ainda transliterava aquela legenda como **icalgusken** (Ripollès, 1999b, p. 146). García-Bellido (*TIR*, J-30, p. 198) remete os letreiros **iCalesCen** e **iCalensCen** para a “escritura meridional no ibérica (levantina)”, mas não se preocupa em definir um tão misterioso conceito.

Dadas as dificuldades em aceitar que o nome do questor documentado nesta ceca (CNH 327:25-26) possa ser abreviado por CN F (*DCPH*, I, p. 145, *DCPH* II, p. 171), propusemos há alguns anos que o mesmo se devia ler C AVF ou C RVF (Faria, 1994b, p. 52, n.º 322). Cabe ainda a possibilidade de que a legenda em apreço se desdobre em Q(*uintus*) CN(*aei*) f(*ilius*), mas esta interpretação afigura-se-nos menos provável do que a precedente.

ildicira. Moedas. **ildi(r)cira*/**ildurcira* (Orcera, Jaén) ou **ildicr(oc)a*/**ilducroca* (Lorca, Múrcia)? CNH 356:1-2.

Não obstante termos tentado recentemente resolver de uma vez por todas a questão da identificação da ceca que produziu os numismas com a legenda toponímica **ildicira** (Faria, 2001b, p. 100-101), a verdade é que hoje a primeira hipótese nos parece mais verosímil que a segunda.

A eventualidade de a legenda em questão remeter para *Illici* < **ildici-(i)ra*/**ildici-(i)r-a* (Faria, 1995a, p. 82) é, das três propostas por nós avançadas (Faria, 2001b, p. 100-101, com bibliografia anterior), a que consideramos menos plausível. Seja como for, ao contrário do que Arturo Pérez Almoguera (2001, p. 33 e n. 38) quer dar a entender, não foi ele o primeiro autor a formular semelhante sugestão.

Sem que lograssem apresentar quaisquer justificações de ordem paleo-epigráfica, García-Bellido e Blázquez (*DCPH* II, p. 186) obliteraram as razões que nos induziram a transliterar a supracitada legenda monetária como **ildicira**. Além de continuarem a fazer fé em **ildiraCa** (*DCPH* I, p. 41, 43, *DCPH* II, p. 186), a velha leitura de Schmoll (1956, p. 306, 310) difundida por Untermann (*MLHI* 1, p. 329), e que este há muito deixou de subscrever (Faria, 2000a, p. 132), as duas numismatas veiculam, confinada a uma nota de rodapé, uma proposta de leitura da autoria de Javier de Hoz: **ilditirga**. Ora, sucede que nenhum dos raros exemplares permite caucionar a identidade entre o terceiro e o quarto grafemas. Por outro lado, a despeito de ser apresentada como novidade (nenhuma bibliografia é aduzida), a verdade é que sobre aquela sugestão já passaram mais de vinte anos (De Hoz, 1980, p. 305).

ildiraCa é também a transliteração com que nos deparamos em *TIR*, J-30 (p. 204), um sintoma, a juntar a muitos outros, de que esta obra, tal como os restantes quatro volumes hispânicos da *Tabula Imperii Romani*, necessita de uma revisão profunda.

É curioso notar que os exemplares ilustrados por García-Bellido e Blázquez (*DCPH* I, p. 186) estão longe de ser os mais esclarecedores do ponto de vista epigráfico. Efectivamente, enquanto o reverso correspondente ao valor “unidade” revela um acentuado desgaste, o reverso pertencente ao valor “metade” apresenta-se descentrado. Teria sido, por conseguinte, preferível reproduzir a “unidade” fotografada no *corpus* de Villaronga (*CNH*, p. 356) e a “metade” publicada no livro de E. Collantes (1997, p. 204) (prefaciado por M.^a P. García-Bellido), opção esta que teria permitido ler **ildir** (e nunca **ildiraCa**, como preconizam as autoras do *DCPH*) no exergo do respectivo reverso, presumivelmente o nome (abreviado?) de um magistrado (Faria, 1999, p. 155).

Neste momento, já o dissemos, inclinamo-nos para aceitar que a legenda **ildicira** deverá identificar-se com a pliniana *Ilorcira*, a qual, por sua vez, terá sido a origem do NL *Orcera* (Capalvo, 1996, p. 130-131): **ildircira/ildicira* > **Ilurcira* > *Ilorcira* > **Ilorcera* > **Lorcera* > **La Orcera* > **La Horcera* > *Horcera* (Canto, 1999, p. 153, n. 104) > *Orcera*. Não se tratará, neste caso, da eliminação do suposto “prefijo inicial [*sic*] *Il-* (notório indicativo de «ciudad» [*sic*])” (Canto, 1999, p. 151), mas de um falso corte, com reinterpretação da lateral inicial como artigo definido romance, posteriormente suprimido. Entre os NNL que sofreram segmentações morfológicas erróneas por interferência da etimologia popular, análogas à que se detecta em *Orcera* < **ildi(r)cira*, poderemos indicar *Abdet/L’Abdet* < **Lapidetum* (Albaigès, 1998, p. 28; Nieto Ballester, 1999, p. 137, 2000), *Honcia/Foncie* < **Lehuntz* (Orpustan, 1997³, p. 24), *La Baells* < **Lapidellos* < *Lapidibellus* (Nieto Ballester, 2000), *La Ralde* < *Larralde* (Iglesias, 2000, p. 295), *La Relaza* < *Larrelaza* (Nitta, 2002, p. 360 e n. 36), *Le Gure* < *Legure* (Iglesias, 2000, p. 93, 224-225), *Lo Hiolle* < *Lohiola* (Orpustan, 1997³, p. 24) e *Tula/Latula* < **Lastola* (Nitta, 2002, p. 362).

Contrariando a pretensão manifestada por Alicia Canto (1999, p. 147-151), *Ilorci* jamais poderia ter dado origem a *Orcera*. Ora, foi precisamente esta aporia que a emenda introduzida neste NL por Capalvo (1996, p. 130-131) — *Ilorcire fugit* em vez de *Ilorci refugit* (Plin. *nat.* 3.9) — veio desfazer definitivamente. É bom não esquecer que Álvaro Capalvo, quando propôs a alteração ao texto pliniano, ignorava a existência de numismas com a legenda toponímica **ildicira**.

Estamos convencidos de que os inegáveis méritos da ampla abordagem que Dexter Hoyos (2001, p. 83-87) dedicou recentemente ao supracitado passo de Plínio seriam bem mais evidentes caso a mesma tivesse tomado em consideração os textos assinados por Capalvo (1996) e por Canto (1999). De resto, só o desconhecimento da bibliografia pertinente poderá servir de (fraco) alibi a Hoyos, se algum dia tentar justificar a sucessão de inexactidões que aqui transcrevemos: “*Iluipa* is known from coins [*sic*] but at a site unknown. Its Roman-era coins were marked *HALOS*

ILVIP(A?) [sic], so it is often identified with *Ilipula Laus*. This is no certainty [sic], for *Laus* as a cognomen seems one of a group of such epithets conferred in the later first century B.C. [...]” (Hoyos, 2002, p. 109). Bem mais intrigante, dadas as evidentes afinidades geográficas e linguísticas, é o facto de a estimulante monografia de Capalvo (1996) não ter merecido qualquer referência no extenso artigo da Professora Alicia Canto (1999; v. igualmente Canto, 2000, p. 40).

Voltando ao nosso tema, não será despendendo recordar que, nas proximidades da actual Vila Nova de Ourém (Santarém), existiu durante a Idade Média uma povoação chamada *Orceira/Orqueira*, NL registado em dois textos distintos sob as seguintes variantes: *Orcariam* (1172) e *Orceiram/Orqueiram* (1178) (Machado, 1984, p. 1096). Por outro lado, na Catalunha, especificamente em La Vall de Boí (Lérida/Lleida), encontra-se atestado o NL *Orquera* (Coromines, 1996, p. 62). É possível que ambos tenham partilhado a mesma origem etimológica, hoje indeterminada. Já o mesmo não se verifica com o orónimo cordovês (*Monte de*) *Horquera*, que, apesar das dúvidas expressas por J. A. Morena López (1998, p. 43), parece remontar a *Soricaria* (Ferreiro López, 1988, p. 117-118; Diouron, 1999, p. 101; *TIR*, J-30, p. 306).

ildurir. Moedas. **ilduberir* (Granada). CNH 357:2-13.

Não vislumbramos nenhuma razão susceptível de nos induzir a alterar a nossa perspectiva sobre esta legenda toponímica (Faria, 1991a, p. 17, 1995a, p. 82, 2000a, p. 133-134), que assenta na convicção de que a mesma consiste num NL abreviado por contracção.

Se a ausência de qualquer menção à nossa teoria por parte de García-Bellido e Blázquez (*DCPH* II, p. 177) não nos chega a surpreender, já o mesmo não se passa com a pretensão manifestada por ambas em lerem como *ILBERIR* (*DCPH* II, p. 177) o letreiro latino *ILIBERRITAN* (Faria, 1994c, p. 123). Acontece que esta interpretação, além de constituir um erro crasso, pode dar alento a quem, ainda hoje, julga que se deve transliterar como **ilberir** a legenda ibérica levantina **ildurir** (v. *infra*).

As mesmas autoras, ao transmitirem, em simples nota de rodapé, a opinião de Javier de Hoz (comunicada oralmente), segundo a qual esta legenda deve ser lida como **ilduCiCi**, esqueceram-se de referir que a viabilidade de uma tal leitura já havia sido contemplada alguns anos antes (Faria, 1990-1991, p. 73, 1991a, p. 16, 1992, p. 45).

Não menos escasso é o proveito que, sobre o mesmo letreiro monetário, se retira doutro texto de recente publicação (*TIR*, J-30, p. 199), onde se afiança que a ceca em apreço produziu emissões “con las leyendas en escritura ibérica meridional **ildurir** e **ilberir** [sic]”. Farão os autores desta asserção alguma ideia do assunto sobre o qual foram instados a pronunciar-se? Esta mesma interrogação aplica-se, de resto, a quem declara que “[l]e nom d’*Ilturir* en alphabet [sic] ibérique fut remplacé par le nom romain d’*Iliberri* [sic] en alphabet latin ou ibérique [sic]” (Pérez Cruz, 1998, p. 88). Infelizmente, não se trata de uma afirmação isolada, já que as linhas respeitantes à ceca de *Ilurco* denunciam o mesmo tipo de limitações: “[p]our leur part, les premières émissions d’*Ilurco* datent de la première moitié du II^e. siècle av. J.-C. et il faudra attendre jusqu’à l’époque d’Auguste [sic] pour en retrouver des frappes dans cette cité. Les premières frappes en bronze sont des as avec des têtes masculines sur les deux faces et la légende en alphabet ibérique [sic] *ILURCON*. A l’époque augustéenne [sic] *Ilurco* frappe aussi des as très semblables : monnaies en bronze avec deux têtes sur les deux faces et la légende *ILURCON* en alphabet latin” (Pérez Cruz, 1998, p. 89).

LABITVLOSANI (gen. sg.). Pedestal de calcário. **Labitulosa*/**Labitulosa* (Cerro del Calvario, La Puebla de Castro, Huesca). *HEp*, 6, 1996, 600.

É por analogia com *Tolosa* que podemos asseverar que tanto **LABITOLOSANI** (nom. pl.) (*CIL* II *Suppl.* 5838) como **LABITVLOSANI** remetem para o NL (latinizado) **Labitulosa*/**Labitulosa*

(*contra*, Rizos, 2002, p. 1606). A latinização do NL ibérico **baitolo** em *Baetulo* deixa entrever a grande probabilidade de **Labitolosa* ter precedido **Labitulosa* (Faria, 2000a, p. 128), vindo a vogal pretónica medial a desaparecer por síncope o mais tardar no século VI, fenómeno observável no adjectivo étnico correspondente: “*terra labeclosano*” (Rizos, 2002, p. 1605). Já Moret (1996, p. 18) havia dado conta da acentuação paroxítónica de **Labitolosa*/**Labitulosa*, apesar de ter veiculado erroneamente o sintagma “*terra labiclosana*”, desacerto que repete em 2002 (Moret, 2002, p. 96, n. 88).

Convém, todavia, sublinhar que **Labitolosa*/**Labitulosa* consiste na latinização de um NL ibérico, cuja configuração inicial está longe de se encontrar estabelecida. Assim, se a identificação de *labi* como primeiro componente onomástico não oferece grandes dúvidas (Faria, 1995c, p. 326) — este ocorre igualmente em *Scal(l)abi(s)* < **is(/s)ca(r)-labi*, **šntar-labi-Tan** [*sic*] (Faria, 1994a, p. 70, 1999, p. 154), **labeisír** e **labeisilduniř** (Moret, 1996, p. 20-21, 2002, p. 97) —, já a definição da parte final do NL coloca não poucos problemas. Deixamos aqui quatro propostas de reconstituição do NL ibérico, todas elas alicerçadas na existência de nomes (e, nos dois últimos casos, de sufixos) — respectivamente, *Tolox* (Málaga) (Moret, 1996, p. 15, 2002, p. 95), **tolo-šar/tolo-šar** (Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 133), **bels-e** (Faria, 1995c, p. 325) e **ber-sa** (*MLH* I 1 A.30) —, susceptíveis de serem aduzidos como paralelos: **labi-tolos*, **labi-tolo-šar*, **labi-tolos-e* e *labi-tolo-sa* (Faria, 1995c, p. 326). Moret (2002) deixou por referir como paralelos para *Tolosa* — e, consequentemente, para **Labitolosa* — os já citados *Baitulo* < **baitolo** (Faria, 1995c, p. 323-324, 326, 2000a, p. 128) e **tološar/tološar** (Faria, 1997, p. 111, 2000a, p. 133), NP que parece ter sido recuperado no período medieval sob a forma *Tolosario* (Moret, 2002, p. 95). Não foi sem alguma surpresa que notámos a ausência de ambos, sobretudo do primeiro, depois de o Dr. Pierre Moret nos ter comunicado, em carta datada de 30 de Agosto de 2000, reportando-se ao seu artigo de 1996, que “[e]ffectivement, je n’avais pas pensé à bai-tolo comme parallèle toponymique”.

Não vemos que crédito podem merecer as duas hipóteses recentemente formuladas por Carlos Rizos (que ousou ler [Rizos, 2002, p. 1603] GENIO MVNICIPI LABITVLOSANI em *CIL* II *Suppl.* 5838) conducentes a elucidar a etimologia de **Labitolosa*. A primeira (Rizos, 2002, p. 1606) parte de **Labitolous* ‘a Tolous do forno’ ou, no caso em que o NL contenha o sufixo *-anus*, ‘o forno do tolosano’; a segunda, à qual Rizos confere maior verosimilhança, não nos parece ser menos frustrante: **Labitolous* < **Labii Tolous* ‘Tolous de *Labius*’.

laboišar. Jarra de cerâmica. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.294.

Rodríguez Ramos (2000, p. 286-288), a despeito de não ter chegado a conclusões definitivas, dedicou vários parágrafos a este NP, que reveste a particularidade de exibir um silabograma em forma de espiga, provável alógrafo de **bo** (Untermann, *MLH* II, p. 45, 252, 1996a, p. 95-96). Não obstante a escassez de *comparanda* — poderemos aduzir tão-somente **išarliCar** e **catuišar** (Faria, 1995a, p. 82-83) para o segundo formante e **biulabo** (Faria, 2002a, p. 238) < **biur-labo* para o primeiro —, não nos restam grandes dúvidas de que estamos perante o único testemunho do NP ibérico **laboišar**.

[wba?]rce corneli. Placa de mármore. Empúries (L’Escala, Girona). *MLH* III 2, C.1.1.

Não haverá muito de novo a acrescentar à entrada que dedicámos a este NP (Faria, 2000a, p. 136-137). Em todo o caso, devíamos naquela altura ter feito notar que não sabemos qual foi o signo (ou dígrafo?) utilizado na presente epígrafe com vista a representar o fonema inicial do *praenomen*.

Faltou-nos, por outro lado, assinalar que **jiTe**, sequência que se lê no início do que resta do texto gravado na quarta linha, pode corresponder ao *cognomen* de *M. Cornelius*. Se for esse o caso,

deveno-nos decidir sem mais delongas por *Auitus* (**auite*), dado o elevado número de testemunhos com que este *cognomen* conta na Península Ibérica (Abascal, 1994, p. 294).

ocanaca. Chumbo monetiforme (moeda?). **Ocanaca* (localização indeterminada). Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 4, n.ºs 3 e 4.

Reiteramos aqui a nossa convicção (Faria, 1996b, p. 229, 1999, p. 156) de que **ocanaca**, legenda toponímica em caracteres meridionais reproduzida em raros chumbos monetiformes cujos reversos são tipologicamente semelhantes aos que figuram nas moedas de *Carbula*, deve ser o nome correcto da cidade que Ptolemeu (2.4.10) designa por *Canaca*, sendo por ele situada entre as cidades turdetanas da Bética contíguas à Lusitânia (*TIR*, J-29, p. 52). Não obstante esta nossa teoria ter recebido um apoio incondicional por parte de García-Bellido e Blázquez (*DCPH* II, p. 297), Javier de Hoz (2000, p. 20, n. 15), sem alegar quaisquer razões, quis ver no NL transmitido por Ptolemeu uma deformação de *Canapa* (?).

ocelacom. Moedas. **Ocela* (Medinaceli, Soria, ou arredores). *CNH* 289:1-2.

A principal consequência da transliteração acima antecipada (*s.u.* **bolścén**) reside na identificação de uma cidade denominada **Ocela*, que não pode ser senão a que, em Apiano (*Hisp.* 47, 48), surge incorrectamente designada por *Ocilis* (ou *Hocilis*, segundo Capalvo [1996, p. 153, 2000, p. 55]). Este é apenas um dos numerosos exemplos da generalizada distorção que se verifica na transmissão de NNL citados na *Hispanica*, sendo os outros *Astapa* (*Hisp.* 33), *Axeinion* (*Hisp.* 47), *Baecor* (*Hisp.* 65), *Baetyca* (*Hisp.* 24), *Belgeda* (*Hisp.* 100), *Carbona* (*Hisp.* 27), *Careona* (*Hisp.* 25), *Carmena* (*Hisp.* 58), *Carpessos* (*Hisp.* 2, 63), *Castax* (*Hisp.* 32), *Colenda* (*Hisp.* 99, 100), *Complega* (*Hisp.* 42, 43), *Coplanion* (*Hisp.* 88), *Eiscadia* (*Hisp.* 68), *Erisane* (*Hisp.* 69), *Ilyrgia* (*Hisp.* 32), *Itucca* (*Hisp.* 67), *Lersa* (*Hisp.* 24), *Malia* (*Hisp.* 77), *Nergobriga* (*Hisp.* 50), *Orso* (*Hisp.* 16, 65), *Oxthracae* (*Hisp.* 58), *Termentia* (*Hisp.* 76, 77), *Termesos* (*Hisp.* 99) e *Tribola* (*Hisp.* 62).

Mercê do facto de consistir numa deturpação de *Ocela*, *Ocilis* nunca poderia resultar no NL *Uclés* (*contra*, Almagro-Gorbea, 1995, p. 443; Nieto Ballester, 1997, p. 350; Albaigès, 1998, p. 617). A origem deste último deve ser procurada em **Oculus* (*TIR*, J-30, p. 328; Olivares, 2002, p. 119), NL para que remete uma FAMILIA OCVLE(n)S(is), mencionada em *CIL* II *Suppl.* 5888. Considerando, por um lado, que esta família presta culto a uma divindade aquática (DEO AIRONI), e, por outro, que a epígrafe que o testemunha foi recolhida num local chamado 'Fuente Redonda' (*CIL* II *Suppl.* 5888; Almagro Basch, 1984, p. 83-84, n.º 15; Olivares, 2002, p. 118-119), somos levados a concluir que estamos perante um NL de filiação latina, ao qual deverá atribuir-se o significado de 'manancial', 'olhos-de-água' (Piel, 1947, p. 327; Silva, 1986, p. 278; Pellegrini, 1990, p. 225; Alarcão, 1996, p. 173, 176; Fernandes, 1997, p. 59; Nieto Ballester, 1997, p. 259-260; Sanz Alonso, 1997, p. 210; González Rodríguez, 1999, p. 277), em presumível relação com a nascente do rio Bedija (Olivares, 2002, p. 118).

Tal como, a partir de uma corruptela, intuíram Hübner (*MLI*, p. 237), Mangas (1996, p. 28), Curchin (1997, p. 270-271) e Guerra (1998, p. 704 e n. 12), o NL de que nos temos vindo a ocupar deve somar-se à já extensa lista de nomes que, na sua forma simples ou em composição, ostentam o elemento **okel(o)* 'promontório', 'pico', 'esporão' (Rivet e Smith, 1979, p. 246; Albertos, 1985, p. 470-474; Curchin, 1996, p. 46-47; Búa, 1997, p. 75; Degavre, 1998, p. 323; Guerra, 1998, p. 702-707; Luján, 2000, p. 58-59; García Alonso, 2001, p. 391-392; Delamarre, 2001, p. 200; Prósper, 2002, p. 108-118).

Dagmar Wodtke (*MLH* V 1, p. 292), por sua vez, sem chegar a questionar a veracidade da transliteração **ocalacom**, julgou plausível uma relação desta com o supracitado elemento toponímico celta, caso a mesma remetesse para /ok-ala-/.

A localização de **Ocela* (ou *Ocilis/Hocilis*, na sua forma corrupta) tem suscitado alguma controvérsia, perfilando-se como soluções mais credíveis as que apontam para Castilmontán (Somaén, Arcos de Jalón, Sória) (Caballero, 1998, p. 25) ou para o cerro de Villa Vieja, contíguo a Medina-celi (Sória), com transferência toponímica e populacional daquele para esta nos finais da República (Jimeno e Arlegui, 1995, p. 117; Caballero, 1997, p. 87-88, 1999-2000, p. 251).

ocobilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH* III 2 H.1.1. Sem prejuízo da relação que deve existir entre este NP (Faria, 1995c, p. 327) e *Ocobius*, documentado num texto do século X arquivado no tombo de Samos (Faria, 2002a, p. 236), é hoje nossa convicção que o formante inicial de **ocobilos** é o mesmo que está na origem dos NNL bascos medievais de origem antroponímica *Oconiz* e *Oquoz* < *O<l>cotz* (Orpustan, 2000, p. 249, 250, 283, 319). Tal como estes últimos, também *Erspila* (Orpustan, 2000, p. 267, 280-281) parece contar-se entre os numerosos NNL bascos medievais aparentemente derivados de formantes atestados em NNP ibéricos (v. por último Faria, 2001b, p. 102, 2002a, p. 236-237, 2002b, p. 124, 126, 129, 133, 138, 139), visto que o respectivo componente inicial, de significado obscuro, parece já estar presente em **erscon** (B.7.11, .12, .13) (Faria, 1994a, p. 70, 1999, p. 155, 2001b, p. 103, 2002b, p. 134), NP que José Antonio Correa (1992, p. 267, n. 52, 1993, p. 115, 2001, p. 311, n. 40) considera ser lígure. Também Jesús Rodríguez Ramos dedicou algumas linhas a **erscon** no seu mais recente artigo (Rodríguez Ramos, 2002d, p. 246,247). Tal como era de rezear, o que este autor escreve sobre **erscon** e sobre outros NNP ibéricos (Rodríguez Ramos, 2002d, p. 246-247) — **arsabaś** (Faria, 1994b, p. 39, n.º 42), **arsbigis** (Faria, 1994a, p. 66, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995a, p. 80, 2000a, p. 127-128, 2001b, p. 96-97, 2002b, p. 122-123) e **afscobor** (Faria, 1997, p. 106, 2002b, p. 135) — limita-se a ser uma repetição das ideias de outrem, apresentadas como se fossem dele. Nenhuma novidade, portanto. De resto, quando tenta inovar, inventa. Senão, vejamos: ao querer, à viva força, ver em **afśCitař** um NP, Rodríguez Ramos (2002d, p. 246, n. 3) não hesita em transformar este sintagma em **arsCitař**. Sucede, contudo, que esta última leitura não passa de “wishful thinking”. Por outro lado, terá Rodríguez Ramos ouvido falar da legenda **śaitabi-CiTař-ban** (Faria, 2002b, p. 134)?

SACAL(...?). Moedas. *Castulo*. *CNH* 332:14.

García-Bellido e Blázquez (*DCPH* I, p. 49, *DCPH* II, p. 227) admitem agora, secundando tacitamente a nossa posição, em grande medida tributária da que foi assumida por F. Beltrán (1978, p. 207, n. 18), que **SACAL(...?)** (Faria, 1994b, p. 53, n.º 327), **SOCED(...?)** (Faria, 1994b, p. 54, n.º 352) e **ISCER(...?)** (Faria, 1994b, p. 46, n.º 193) são os nomes, presumivelmente abreviados, de três indivíduos distintos (Faria, 2001b, p. 102-103), em clara contradição com o que elas próprias escrevem mais à frente, no catálogo de magistrados (*DCPH* I, p. 146), no qual mencionam **SACAL/ISCER** (*sic*), primando **SOCED** pela ausência. Também Javier de Hoz (1989, p. 559) colocou a hipótese de tanto **SACAL** como **ISCER** constituírem NNP abreviados, mas excluiu que tal fosse o caso de **SOCED**, fundado na circunstância de este último ocupar o exergo do reverso da emissão em apreço. Já tivemos, no entanto, o ensejo de colocar em evidência as fragilidades de que padece semelhante argumento (Faria, 1994b, p. 54, n.º 352, 2001b, p. 102).

salduie. Moedas. **salduie** (Saragoça). *CNH* 228:1-4.

Antes de mais, impõe-se uma correcção: onde escrevemos “Saragoça” (Faria, 2002a, p. 238), há que ler obviamente “Saragoça”.

Nos últimos tempos, alvitramos três hipóteses de decomposição para o NL **salduie**: **saldu-bi-e* (Faria, 2000a, p. 138), **saldu-ier* e **saldu-ies* (Faria, 2002a, p. 238), nestes dois casos com apó-

cope consonântica, tendente a adaptar o mencionado NL à flexão latina. Alicerçados no princípio de que **saldue** conforma a grafia original do NL em causa, vimos agora apresentar duas novas perspectivas de análise, por ordem crescente de verosimilhança.

A primeira decorre da identificação do elemento onomástico **saldui**, seguido do sufixo toponímico **-e**. O monossílabo com que principia **saldui** figura em **salager** (Faria, 1994a, p. 70), SALPA (abl.) < **salbas* (Faria, 1994a, p. 70, 2000a, p. 138) e *Saltigi* < **saltigi*, ao passo que **dui** se repete em **bandui** (Comas, Padrós e Velaza, 2001, p. 297-298).

A segunda implica uma segmentação de **saldue** em **saldu-i-e**. O formante onomástico reduz-se a **saldu**, sempre rematado pelo sufixo toponímico **-e. i**, por sua vez representa a semi-vogal /i/, com função anti-hiática. **saldu** comparece nos NNP **salduco**, **saldutiba(i)**, **saldulaco** (MLH III 1, p. 230) e **salduCilef** (Faria, 1994a, p. 68), podendo este formante estar na origem do basco *zaldi* ‘cavalo’ (Fatás e Beltrán Lloris, 1997, p. 30).

segia. Moedas. **segia** (Ejea de los Caballeros, Saragoça). CNH 215:1-14.

Damos inteira razão a Untermann (2001, p. 203-204) quando atribui o presente NL à onomástica ibérica, mas já não o podemos seguir a partir do momento em que se propõe segmentar o mesmo NL em **seg-ia**. A nossa preferência vai sem grandes hesitações para **seg-i-a**, havendo fortes probabilidades de a vogal final ser de influxo latino. Nada obsta, na nossa perspectiva, a que o NL original fosse **segi* ou **segie*, qualquer deles mais consentâneo com o que se sabe sobre a formação toponímica ibérica. Face ao exposto, de todos os NNL começados por *seg-* (Untermann, 2001, p. 203-204), só *Segisa* deverá, a par de **segia**, pertencer à onomástica ibérica. Não seria de modo nenhum descabido que Untermann, ao debruçar-se sobre **segia**, tivesse trazido à colação os NNP ibéricos que incluem **segi** na sua formação: **Lekusegi** (Faria, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67), **ordinsegi** e **segitecer** (Faria, 1995c, p. 327). **segi** é um dos numerosos elementos nominais ibéricos cuja existência é ignorada no repertório coligido por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261).

сібиболai. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:8.

Num artigo publicado há alguns anos (Faria, 2000a, p. 138-139), não pudemos deixar de tornar pública a nossa perplexidade pelo facto de a Professora Alicia Arévalo (1999, p. 77) ter chamado a si a autoria da transcrição do presente NP. Estávamos, então, muito longe de imaginar que, pouco tempo depois, iríamos ser alvo exactamente do mesmo *modus operandi*, tendo desta vez como intervenientes as Professoras M.^a Paz García-Bellido e M.^a de las Cruces Blázquez, de um lado, e os magistrados **сібиболai** (de novo) e **urkailbi**, do outro. Ao terem omitido os numerosos trabalhos que veicularam estas duas transliterações, García-Bellido e Blázquez (DCPH I, p. 148, n. 92) deram erradamente a entender que foram elas as primeiras a transcrever como **сібиболai** e **urkailbi** os nomes dos magistrados de *Obulco* que eram lidos como **сібитуболai** e **urkailtu**: “[s]iguiendo a Untermann (MLH III, 143-144) y De Hoz (1985, 430) leemos el signo # [sic] como *bi*”. E, no catálogo (DCPH II, p. 291, n. 114), as duas numismatas reincidem: “[s]iguiendo a De Hoz (1985, 430) y Untermann (MLH III, 143-144) leemos el signo 19b (fig. 10a de vol. I) como *bi*, aunque ellos mismos reconocen que podría ser *tu*”.

Vale a pena abrir um pequeno parêntesis para nos perguntarmos por que motivo foi decidida a reprodução, depois de devidamente traduzido, de um quadro das transliterações dos grafemas pertencentes ao signário meridional (DCPH I, fig. 10a), elaborado por Untermann há quase três décadas (MLH I 1, p. 136), veiculando diversas equivalências que ele agora rejeitaria sem pestanejar.

Poderia depreender-se das declarações acima transcritas que as sobreditas numismatas desconhecem os textos em que, com recurso a argumentos da mais diversa natureza, vimos susten-

tando serem **síbibolai** (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17, 1991b, p. 191, 1993a, p. 155, 1993b, p. 139, 1994b, p. 53, n.º 344, 1996a, p. 172, 1998a, p. 125, 1998b, p. 236, 2000a, p. 138) e **urkailbi (urCailbi)** (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 191-192, 1992, p. 44, 1993a, p. 154-155, 1993b, p. 139, 1994b, p. 56, n.º 403, 1994c, p. 123, 1995a, p. 85-86, 1995c, p. 328, 1998c, p. 254, 2000a, p. 140-141, 2000b, p. 64-65, 2001b, p. 103) as únicas transcrições aceitáveis. No entanto, tal ilação é totalmente ilegítima, já que, compulsada a bibliografia, três destes 17 títulos foram objecto de consulta (*DCPH I*, p. 219).

O procedimento que acabámos de descrever conta com uma agravante de peso: a defesa que empreendemos em abono das transliterações **síbibolai** e **urkailbi (urCailbi)** contrapôs-se desde sempre ao parecer de todos os investigadores, à excepção do Professor Javier de Hoz (1980, p. 314), que, nas últimas três décadas, se pronunciaram sobre a questão, entre os quais, além do supracitado Untermann (**sítubolai**: *MLH I* 1, p. 334, 337, *MLH III* 1, p. 220, 231, 1996b, p. 130; **sítubolai** [*sic*]: 1994-1995 [1997], p. 139, *MLH IV*, p. 591; **urkailtu**: *MLH I* 1, p. 334, 337, *MLH III* 1, p. 224, 237, 1983, p. 800, 1995, p. 741, 1998b, p. 77), se incluem precisamente García-Bellido e Blázquez. De facto, no catálogo de magistrados editado por ambas em 1995, nenhuma transcrição foi apresentada em alternativa quer a **sítubolai** (García-Bellido e Blázquez, 1995, p. 420, n.º 350) quer a **urkailtu** (García-Bellido e Blázquez, 1995, p. 421, n.º 374), tendo vindo aquela primeira transliteração, de resto, a ser retomada pouco depois pela Doutora García-Bellido, sem manifestar sobre a mesma qualquer hesitação (García-Bellido e Ripollès, 1997, p. 284).

Esperemos que o comportamento acima relatado resulte de um descuido (ou de uma distração) das investigadoras em causa, e que, conseqüentemente, nada tenha que ver com “algunos de los más enfadosos vicios de los estudios de [la?] antigüedad” diagnosticados pelo Professor Javier de Hoz (1991, p. 189): “el silencio sistemático sobre el trabajo de colegas de diferentes escuelas o, lo que es peor, la utilización sistemática del trabajo de otros sin reconocerlo”.

tigírseni. Estela de calcário (Sagunto, Valência). *MLH III* 2 F.11.10.

Por erro da nossa parte, esquecemo-nos de referir, nos parágrafos consagrados a este NP (Faria, 2002a, p. 240), que o mesmo já tinha sido invocado noutra ocasião, a propósito de **tigířildir** (G.12.1) (Faria, 1995c, p. 328).

Também por lapso, NARV[NS]ENI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 238, n.º 255), NP que reputámos cotejável com **tigírseni** no caso em que aquele tenha partilhado com este o segundo componente (o que dista de ser seguro), foi indevidamente transformado em NARVN[SE]NI (Faria, 2002a, p. 240).

urcetegeter. Dracma. Ceca indeterminada. *CNH* 47:69.

O único obstáculo que se pode levantar à aceitação da leitura aqui sugerida prende-se com as aparentes diferenças ortográficas entre o terceiro signo e o quinto. Este obstáculo pode, contudo, ser facilmente transposto se atendermos ao facto de que a distinção entre ambos reside apenas na orientação sinistrorsa do penúltimo signo, sendo conhecidos outros exemplos desta anomalia ortográfica nas dracmas ibéricas que imitam as de *Emporion* (*CNH* 44:54, 48:77, 51:100 e 52:105). Estamos evidentemente perante um NP ibérico, interpretação que já havia sido avançada por Javier de Hoz (1995c, p. 321: **urbate+r/urbategeter**), ainda que a título hipotético.

uštalarilun. Placa de chumbo. La Punta d'Orleyl (Vall d'Uixó, Castellón). *MLH III* 2 F.9.5.

Tal como este NP, também **Cebelsilunin** (F.9.8), **galun** (E.10.1), **iluntoř** (F.20.2) e **urcailur** (F.21.1) ajudam a demonstrar que /ld/ é um fonema ibérico passível de ser, nesta mesma

língua, representado tanto por **-ldu-/-ldi-** como por **-l-** (Faria, 1994a, p. 71). Não vislumbramos, por conseguinte, que argumentação pode ser usada em abono da doutrina segundo a qual a representação através de **-LL-/-L-** da sequência gráfica ibérica **-ldu-/-ldi-** decorre de uma adaptação à fonotáctica latina (*DCPH II*, p. 184, n. 52; Rodríguez Ramos, 2002b, p. 208).

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALARCÃO, J. de (1996) - Aglomerados urbanos secundários romanos de Entre-Douro e Minho. In REBOREDA, S.; LÓPEZ BARJA, P., eds. - *A cidade e o mundo: romanização e cambio social (Actas do Curso de Verán da Universidade de Vigo, celebrado en Xinzo de Limia, do 3 ó 7 de xullo de 1995)*. Xinzo de Limia: Concello, p. 167-180.
- ALBAIGÈS, J. M.^a (1998) - *Enciclopedia de los topónimos españoles*. Barcelona: Planeta.
- ALBERTOS, M.^a de L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS, M.^a de L. (1983) - Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*. II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 853-889.
- ALBERTOS, M.^a L. (1985) - A propósito de algunas divinidades lusitanas. In MELENA, J. L., ed. - *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae. Pars prior*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 469-474.
- ALFÖLDY, G. (1987) - *Römisches Städtewesen auf der neukastilischen Hochebene: ein Testfall für die Romanisierung*. Heidelberg: Carl Winter.
- ALMAGRO BASCH, M. (1984) - *Segóbriga II: inscripciones ibéricas, latinas paganas y latinas cristianas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1995) - Aproximación paleoetnológica a la Celtiberia meridional: las serranías de Albarracín y Cuenca. In BURILLO, F., ed. - *Poblamiento celtibérico: III Simposio sobre los Celtiberos (Daroca, 1991)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 433-446.
- AMELA, L. (2000) - La turma Salluitana y su relación con la clientela pompeyana. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 17, p. 79-92.
- ARÉVALO, A. (1999) - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela.
- BELTRÁN, F. (1978) - Los magistrados monetales en Hispania. *Numisma*. Madrid. 150-155, p. 169-211.
- BELTRÁN, F. (1996) - Una liberalidad en la Puebla de Híjar y la localización del Municipium Osicerda (Teruel). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 69, p. 287-294.
- BELTRÁN, F. (2002) - Identidad cívica y adhesión al príncipe en las monedas municipales hispanas. In MARCO, F.; PINA, F. REMESAL, J., eds. - *Religión y propaganda política en el mundo romano*. Barcelona: Universitat, p. 159-187.
- BLÁZQUEZ, C. (2002) - *Circulación monetaria en el área occidental de la península ibérica: la moneda en torno al "Camino de la Plata"*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- BÚA, C. (1997) - Dialectos indoeuropeos na franxa occidental hispánica. In PEREIRA-MENAUT, G., ed. - *Galicia fai dous mil anos. O feito diferencial galego, I: Historia (Santiago de Compostela, 16-19 de decembro do 1996)*. Vol. 1. Santiago de Compostela: Museo do Pobo Galego, p. 51-99.
- CABALLERO, C. J. (1997) - El papel de la ciudad de *Ocilis* al comienzo de la Segunda Guerra Celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 87-101.
- CABALLERO, C. J. (1998) - ¿Verdaderamente estuvo *Ocilis* en Medinaceli?. *El Miliario Extravagante*. Cortes de la Frontera. 68, p. 23-26.
- CABALLERO, C. J. (1999-2000) - Desarrollo de un patrón de poblamiento romano en el cuadrante nororiental peninsular. *Kalathos*. Teruel. 18-19, p. 241-271.
- CANTO, A. M.^a (1999) - *Ilorci, Scipionis rogus* (Plinio, *NH III*, 9) y algunos problemas de la Segunda Guerra Púnica en Hispania. *Rivista Storica dell'Antichità*. Bologna. 29, p. 127-167.
- CANTO, A. M.^a (2000) - Más sobre el *Scipionis rogus*. *El Miliario Extravagante*. Cortes de la Frontera. 75, p. 40.
- CAPALVO, Á. (1996) - *Celtiberia: un estudio de fuentes literarias antiguas*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico".
- CAPALVO, Á. (2000) - *Los Celtas en Aragón*. Zaragoza: Caja de Ahorros de la Inmaculada.
- CARO BAROJA, J. (1947) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26:121, p. 197-243.
- CARO BAROJA, J. (1954) - La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, R., ed. - *Historia de España, I: España prerromana, II: Etnología de los pueblos de Hispania*, Madrid: Espasa-Calpe, p. 678-812.
- CARO BAROJA, J. (1985) - *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Editorial Txertoa.
- CASARIEGO, A.; CORES, G.; PLIEGO, F. (1987) - *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*. Madrid: Artis Traditio.
- CHIC GARCÍA, G. (2001) - *Datos para un estudio socioeconómico de la Bética: marcas de alfar sobre ánforas olearias*. Écija: Gráficas Sol.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.

- CIL II *Suppl.* = HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/7 = STYLOW, A. U.; GONZÁLEZ ROMÁN, C.; ALFÖLDY, G. (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars VII: conuentus Cordubensis (CIL II²/7)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CILA 7 = GONZÁLEZ ROMÁN, C.; MANGAS, J. (1991) - *Corpus de Inscripciones Latinas de Andalucía, III: Jaén, 2*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COLLANTES, E. (1997) - *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaehispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- COROMINAS, J. (1972) - *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- COROMINES, J. (1996) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, VI: O-SAI*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIΩN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaehispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, p. 101-116.
- CORREA, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.
- CURCHIN, L. A. (1990) - *The local magistrates of Roman Spain*. Toronto: University of Toronto Press (*Phoenix*. Supplementary volume; 28).
- CURCHIN, L. A. (1996) - Five Celtic town-names in Central Spain. *Habis*. Sevilla. 27, p. 45-47.
- CURCHIN, L. A. (1997) - Celticization and Romanization of toponymy in Central Spain. *Emerita*. Madrid. 65:2, p. 257-279.
- DCPH I = GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (2001a) [2002a] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen I: introducción*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 35).
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (2001b) [2002b] - *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Colección Textos Universitarios; 36).
- DEGAVRE, J. (1998) - *Léxico gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d'Etudes Celtiques.
- DELAMARRE, X. (2001) - *Dictionnaire de la langue gauloise*. Paris: Errance.
- DÍAZ SANZ, M.ª A.; JORDÁN CÓLERA, C. (2001) - Grafitos procedentes de *Contrebia Belaisca*. *Palaehispanica*. Zaragoza. 1, p. 301-333.
- DILLEMANN, L. (1997) - *La Cosmographie du Ravenate*. Edité avec préface et notes additionnelles par Yves Janvier. Bruxelles: Latomus.
- DIOURON, N., ed. (1999) - *Pseudo-César, Guerre d'Espagne*. Paris: Les Belles-Lettres.
- FARIA, A. M. de (1989) - A numária de **Cantnipo*. *Conimbriga*. Coimbra. 28, p. 71-99.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, p. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penelope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão a] CURCHIN, Leonard A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (*Phoenix*, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 136-140.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão a] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 89-99.
- FARIA, A. M. de (1995c) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995d) - Moedas da época romana cunhadas em território actualmente português. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 143-153.

- FARIA, A. M. de (1996a) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1996b) - [Recensão a] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995, 220 pp + mapa. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispánica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão a] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E., 1997, *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis, 395 + XLIX pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 123-126.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão a] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão a] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001a) - [Recensão a] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. 362 p. LX Estampas. ISBN 84-86711-08-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2001b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FATÁS, G. (1993) - *Antología de textos para el estudio de la Antigüedad en el territorio del Aragón actual*. Zaragoza: Diputación General de Aragón, Departamento de Educación y Cultura.
- FATÁS, G.; BELTRÁN LLORIS, M. (1997) - *Historia de Zaragoza, 1: Salduie, ciudad ibérica*. Zaragoza: Ayuntamiento-Caja de Ahorros de la Inmaculada.
- FATÁS, G.; LÓPEZ BARJA, P. (1997) - La ciudadanía y el derecho romanos. In FATÁS, G.; LÓPEZ BARJA, P.; OREJAS, A. (1997) - *Materiales para un curso de Historia Antigua de la Península Ibérica*. Santiago de Compostela: Tórculo Ediciones, p. 88-93.
- FERNANDES, A. de A. (1997) - *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- FERREIRO LÓPEZ, M. (1988) - Acerca del emplazamiento de la ciudad de Soricaria y del fortin de Aspavia. *Studia Historica, Historia Antigua*. Salamanca. 6 (= *Homenaje al Profesor Marcelo Vigil [II]*), p. 117-119.
- FLETCHER, D.; SILGO, L. (1991-1993) - Notas sobre un plomo ibérico de procedencia desconocida. *Acta Numismática*. Barcelona. 21-23 (= *Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), p. 89-92.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2001) - Lenguas prerromanas en el territorio de los Vetones a partir de la toponimia. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania*. *Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 389-406.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; BLÁZQUEZ, C. (1995) - Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: Ciudad y territorio*. *Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 381-427.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; RIPOLLÈS, P. P. (1997) - [Comentários ao catálogo de moedas ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 272-287.
- GÓMEZ FRAILE, J. M.ª (2001) [2002] - Reflexiones críticas en torno al antiguo ordenamiento étnico de la Península Ibérica. *Polis*. Alcalá de Henares. 13, p. 69-98.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GÓMEZ PALLARÈS, J. (1997) - *Edición y comentario de las inscripciones sobre mosaico de Hispania*. *Inscripciones no cristianas*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider.
- GONZÁLEZ, J. (1993) - *Hispalis, Colonia Romula*. In *Ciudad y comunidad cívica en Hispania. Siglos II y III d.C. Cité et communauté civique en Hispania: actes du colloque organisé par la Casa de Velázquez et par le Consejo Superior de Investigaciones Científicas Madrid, 25-27 janvier 1990*. Madrid: Casa de Velázquez- Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 127-138.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, A. (1999) - *Diccionario etimológico de la toponimia mayor de Cantabria*. Santander: Librería Estudio.
- GORROCHATEGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1993) - Las lenguas de los pueblos paleohispánicos. In ALMAGRO-GORBEA, M.; RUIZ ZAPATERO, G., eds. - *Los Celtas: Hispania e Europa*. Madrid: Actas, p. 409-429.
- GORROCHATEGUI, J. (1994) - La aportación de la lingüística a la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco. In *Illunzar 94. Problemática de la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco: un enfoque preliminar (Museo Euskal Herria de Gernika, 1993)*. Gernika: Asociación Cultural de Arqueología AGIRI, p. 113-125.

- GUERRA, A. (1998) - *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular (tese de doutoramento policopiada)*. Lisboa: ed. do autor.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- HOYOS, D. (2001) - Generals and Annalists: geographic and chronological obscurities in the Scipio's campaigns in Spain, 218-211 B.C. *Klio*. Berlin. 83:1, p. 68-92.
- HOYOS, D. (2002) - The battle-site of Ilipa. *Klio*. Berlin. 84:1, p. 101-113.
- DE HOZ, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, p. 299-323.
- DE HOZ, J. (1985) - El origen de la escritura del S.O. In DE HOZ, J., ed. - *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Lisboa, 5-8 noviembre 1980)*. Salamanca: Universidad, p. 423-464.
- DE HOZ, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M.ª E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, p. 523-587.
- DE HOZ, J. (1991) - Epigrafía y lingüística paleohispánicas. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid. 30-31, p. 181-193.
- DE HOZ, J. (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación (Serie de Trabajos Varios; 89), p. 330-338.
- DE HOZ, J. (1993) - La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los íberos. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 635-666.
- DE HOZ, J. (1995a) - Tartesio, fenicio y céltico 25 años después. In *Tartessos 25 años después 1968-1993. Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, p. 591-607.
- DE HOZ, J. (1995b) - Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, A., ed. - *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4-5-6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, p. 11-44.
- DE HOZ, J. (1995c) - Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO, M.ª P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del Archivo Español de Arqueología; 14), p. 317-324.
- DE HOZ, J. (1995d) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinària*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenènques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (1998) - Koiné sin Alejandro: Griego y lenguas anhelenicas en el Mediterráneo occidental durante la época helenística. In BRUXHE, Cl., ed. - *La koiné grecque antique III: Les contacts*. Nancy: Association pour la Diffusion de la Recherche sur l'Antiquité (ADRA), p. 119-136.
- DE HOZ, J. (2000) - From Ptolemy to the ethnic and linguistic reality: The case of South-Western Spain and Portugal. In PARSONS, D. N.; SIMS-WILLIAMS, P., eds. - *Ptolemy: towards a linguistic atlas of the earliest Celtic place-names of Europe. Papers from a workshop, sponsored by the British Academy, in the Department of Welsh, University of Wales, Aberystwyth, 11-12 April 1999*. Aberystwyth: CMCS, p. 17-28.
- DE HOZ, J. (2001) - Sobre algunos problemas del estudio de las lenguas paleohispánicas. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, p. 113-149.
- IGAI = RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H. - Inscripciones Graecae antiquissimae Iberiae [IGAI]. In MANGAS, J.; PLÁCIDO, D., eds. - *Testimonia Hispaniae Antiqua II A (T. H. A.)*. Madrid: Editorial Complutense; [Mérida]: Fundación de Estudios Romanos, p. 333-362.
- IGLESIAS, H. (2000) - *Noms de lieux et de personnes à Bayonne, Anglet et Biarritz au XVIII^e siècle: origine, signification, localisation, proportion et fréquence des noms recensés*. Donostia: Elkarlanean.
- LE ROUX, P. (1995) - *Romains d'Espagne: Cités & politique dans les provinces II^e siècle av. J.-C. - III^e siècle ap. J.-C.* Paris: Armand Colin.
- JIMENO, A.; ARLEGUI, M. (1995) - El poblamiento en el Alto Duero. In BURILLO, F., ed. - *Poblamiento celtibérico: III Simposio sobre los Celtiberos (Daroca, 1991)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 93-126.
- KAJANTO, I. (1965) - *The Latin Cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (2001) - *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania romana: II a.C.-VI d.C.* Barcelona: Universitat.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LLORENS, M.ª del M.; AQUILUÉ, X. (2001) - Ilercavonia-Dertosa i les seves encunyacions monetàries. Barcelona: Societat Catalana d'Estudis Numismàtics.
- LLORENS, M.ª del M. (2002) - Las contramarcas. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M. - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, p. 257-271.
- LLORENS, M.ª del M.; RIPOLLÈS, P. P. (2002a) - Las imágenes. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M. - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, p. 63-120.
- LLORENS, M.ª del M.; RIPOLLÈS, P. P. (2002b) - *Arse-Saguntum*: paradigma de l'economia monetitzada. In *Funció i producció de les seques indígenes. VI Curs d'Historia monetària d'Hispania, 28 i 29 de novembre de 2002*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya-Gabinet Numismàtic de Catalunya, p. 53-76.
- LOMBARDI, M. (2002) - Émporoi, Emporion, Emporitai: forme e dinamiche della presenza greca nella Penisola Iberica. In *Hispania terris omnibus felicitur: premesse ed esiti di un processo di integrazione: atti del convegno internazionale, Cividale del Friuli, 27-29 settembre 2001*. Pisa: Edizioni ETS, p. 73-86.

- LUJÁN, E. R. (2000) - Ptolemy's *Callaecia* and the languages(s) of the *Callaeci*. In PARSONS, D. N.; SIMS-WILLIAMS, P., eds. - *Ptolemy: towards a linguistic atlas of the earliest Celtic place-names of Europe. Papers from a workshop, sponsored by the British Academy, in the Department of Welsh, University of Wales, Aberystwyth, 11-12 April 1999*. Aberystwyth: CMCS, p. 55-72.
- MACHADO, J. P. (1984) - *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, 3. Lisboa: Confluência.
- MANGAS, J. (1996) - *Aldea y ciudad en la antigüedad hispana*. Madrid: Arco Libros.
- MARCO, F. (1998) - Entre el estereotipo y la realidad histórica: la emergencia de los pueblos pirenaicos antiguos. In RODRÍGUEZ NEILA, J. F.; NAVARRO, F. J., eds. - *Los pueblos prerromanos del Norte de Hispania: una transición cultural como debate histórico*. Pamplona: Universidad de Navarra, p. 51-87.
- MARINA SÁEZ, R. M.^a (2001) - *Antología comentada de inscripciones latinas hispánicas (s. III a.C. – III d.C.)*. Zaragoza: Universidad.
- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, D. (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLI = HÜBNER, E. (1893) - *Monumenta linguae Ibericae*. Berlin: Georg Reimer.
- MORAN, J.; BATLLE, M.; RABELLA, J. A. (2002) - *Topònims catalans: etimologia i pronúncia*. Barcelona: Abadia de Montserrat.
- MORENA LÓPEZ, J. A. (1998) - Reflexiones sobre el emplazamiento de Soricaria (Bellum Hispaniense, XXIV y XXVII). Una nueva propuesta: El Cerro de las Cuevas de Sequeira (Castro del Río-Nueva Carteya. Córdoba). *Antiquitas*. Priego de Córdoba. 9, p. 31-44.
- MORET, P. (1996) - Le nom de Toulouse. *Pallas*. Toulouse. 44, p. 7-23.
- MORET, P. (2002) - Le nom de Toulouse. In PAILLER, J.-M., ed. - Tolosa. *Nouvelles recherches sur Toulouse et son territoire dans l'Antiquité*. Rome: École Française de Rome, p. 93-99.
- NIETO BALLESTER, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- NIETO BALLESTER, E. (1999) - Quelques notes sur les collectifs latins en *-etum -eta* dans la toponymie des langues espagnoles. In PETERSMANN, H.; KETTEMANN, R., eds. - *Latin vulgare – latin tardif V: actes du 5^e Colloque International sur le Latin Vulgaire et Tardif. Heidelberg, 5-8 septembre 1997*. Heidelberg: Winter, p. 137-153.
- NIETO BALLESTER, E. (2000) - L'expression de la notion "pierre" en latin tardif de Hispania. cast. berrueco: les donnés de la toponymie. In *Sextus conventus internationalis Latinitatis vulgaris et posterioris*. In urbe Helsinki, 29.8-2.9.2000 <http://www.ffil.uam.es/clasicas/emilio.htm> [consulta: 15 de Novembro de 2001].
- NITTA, M. (2002) - Romanceamiento de las sibilantes vascas en la toponimia de La Vizcaya (Navarra). In ECHENIQUE ELIZONDO, M.^a T.; SÁNCHEZ MÉNDEZ, J., eds. - *Actas del V Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española, Valencia, 31 de enero – 4 de febrero de 2000*. Madrid: Gredos, p. 355-373.
- OLIVARES, J. C. (2002) - *Los dioses de la Hispania céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia; Alicante: Universidad.
- OPEL I = LÖRINCZ, B.; REDÖ, F., eds. - *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum, I: Aba-Bysanus*. Budapest: Archaeolingua.
- ORPUSTAN, J.-B. (1997³) - *Toponimie basque: Noms de pays, communes, hameaux et quartiers historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. 3^e éd. (1990¹). Bordeaux: Presses Universitaires.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000) - *Les noms de maisons médiévales en Labourd, Basse-Navarre et Soule*. Baigorri: Izpegi.
- PELLEGRINI, G. B. (1990) - *Toponomastica italiana*. Milano: Hoepli.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2001) - Los nombres de lugar y la ciudad en el mundo ibérico. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 21-40.
- PÉREZ CRUZ, M.-A. (1998) - La dépression de Grenade (Espagne) à l'époque ancienne. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. Besançon. 24:1, p. 75-100.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993a) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993b) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, p. 61-67.
- PÉREZ VILATELA, L. (1998) - *Au(n)tigi d'après un plomb greco-ibère de Sagonte (Valence)*. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 33:2, p. 159-163.
- PIEL, J. M. (1947) - As águas na toponimia portuguesa. *Boletim de Filologia*. Lisboa. 8, p. 305-342.
- PRÓSPER, B. (2002) - *Lenguas y religiones prerromanas del occidente da la Península Ibérica*. Salamanca: Universidad.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- RIPOLLÈS, P. P. (1999a) - Les hémidrachmes d'Arse. *Bulletin de la Société Française de Numismatique*. Paris. 54:2, p. 17-22.

- RIPOLLÈS, P. P. (1999b) - De nuevo sobre la localización de *ikale(n)sken*. In VALERO TÉVAR, M. Á., ed. - *1.ª Jornadas de Arqueología Ibérica en Castilla-La Mancha, Iniesta (Cuenca) 2-4 Mayo 1997*. Toledo: Consejería de Educación y Cultura, p. 145-168.
- RIPOLLÈS, P. P. (2002a) - La ordenación y la cronología de las emisiones. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M. - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, p. 273-301.
- RIPOLLÈS, P. P. (2002b) - El panorama monetario. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M. - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, p. 319-346.
- RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M. (2002) - *Arse-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja.
- RIVET, A. L. F.; SMITH, C. (1979) - *The place-names of Roman Britain*. London: Batsford.
- RIZOS, C. (2002) - Toponimia prelatina en un municipio de la Baja Ribagorza: la Puebla de Castro. In ECHENIQUE ELIZONDO, M.ª T.; SÁNCHEZ MÉNDEZ, J., eds. - *Actas del V Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española, Valencia, 31 de enero – 4 de febrero de 2000*. Madrid: Gredos, p. 1603-1612.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997) - Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 189-197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1998) - Sobre la lectura y la paleografía de la inscripción de la falcata saguntina MPV 314. *Pyrenae*. Barcelona. 29, p. 227-230.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, p. 43-57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) [2001] - Aproximación fonético-estadística a los compuestos nominales de la lengua íbera. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 21, p. 259-270.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001a) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001b) - El término (t)eban(en) en la lengua íbera: 'coeravit' vs. 'filius'. *Arse*. Sagunto. 35, p. 59-85.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001) [2002] - La cultura íbera desde la perspectiva de la epigrafía: un ensayo de síntesis. *Iberia*. Logroño. 4, p. 17-38.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) - Acerca de los afijos adnominales de la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 24:1, p. 115-134.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) - La hipótesis del vascoiberismo desde el punto de vista de la epigrafía íbera. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 90, p. 197-217.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) - La inscripción sobre escultura de Cerro de los Santos G.14.1 y los problemas de homomorfía en la escritura íbera meridional. *Habis*. Sevilla. 33, p. 203-211.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002d) - The lexeme *arś* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. 37:3, p. 245-277.
- RPC I, *Suppl.* = BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1998) - *Roman Provincial Coinage. Supplement I*. London: British Museum Press; Paris: Bibliothèque Nationale.
- RUBIO ORECILLA, F. J. (1999) - Aproximación lingüística al bronce de Torijo. *Veieia*. Vitoria-Gasteiz. 16, p. 137-157.
- RUIZ ROIG, E. (2001) - *Los mosaicos de Illici y del Portus Illicitanus*. València: Generalitat.
- SANCHO ROCHER, L. (1981) - *El convento jurídico caesaraugustano*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico".
- SANTIAGO, R.A.; GARDEÑES, M. (2002) - Interacción de poblaciones en la antigua Grecia: algunos ejemplos de especial interés para el Derecho internacional privado. *Faventia*. Barcelona. 24:1, p. 7-36.
- SANZ ALONSO, B. (1997) - *Toponimia de la provincia de Valladolid: las cuencas del Duero, Pisuerga y Esgueva*. Valladolid: Universidad.
- SCHMOLL, U. (1956) - Turma Salluitana. *Glotta*. Göttingen. 35:3-4. p. 304-311.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO, L. (1988) - La antroponimia íbera de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 67-77.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO, L. (1998-1999) - Ibérico ilti, iltu y derivados. *Arse*. Sagunto. 32-33, p. 11-45.
- SILGO, L. (2000a) - [Recensão a] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veieia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 279-293.
- SILGO, L. (2000b) - El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, p. 503-521.
- SILLIÈRES, P. (1990) - *Les voies de communication de l'Hispanie meridionale*. Paris: De Boccard.
- SILVA, A. C. F. da (1986) - *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TIR, K-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K-30: Madrid. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Caesaraugusta - Clunia. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1993.
- TIR, K/J-31 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco - Baliares. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.

- TORRES ORTIZ, M. (2002) - *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- UNTERMANN, J. (1962) - Áreas e movimientos lingüísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72, p. 5-61.
- UNTERMANN, J. (1983) - Die althispánischen Sprachen. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*. II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 791-818.
- UNTERMANN, J. (1985) - Lenguas y unidades políticas del Suroeste hispánico en época prerromana. In WENTZLAFF-EGGEBERT, Ch., ed. - *De Tartessos a Cervantes*. Köln-Wien: Böhlau Verlag, p. 1-40.
- UNTERMANN, J. (1990) - Comentarios sobre inscripciones celtibéricas 'menores'. In VILLAR, F., ed. - *Studia indogermanica et palaeohispanica in honorem A. Tovar et L. Michelena*. [Vitoria-Gasteiz]: Universidad del País Vasco; Salamanca: Universidad, p. 351-375.
- UNTERMANN, J. (1995) - Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, E. [et al.] - *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik*. 1. Teilband. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 738-746.
- UNTERMANN, J. (1996a) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.
- UNTERMANN, J. (1996b) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1994-1995) [1997] - El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arsé*. Sagunto. 28-29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], p. 135-145.
- UNTERMANN, J. (1998a) - Comentario sobre una lámina de plomo con inscripción ibérica de la colección D. Ricardo Marsal, Madrid. *Habis*. Sevilla. 29, p. 7-21.
- UNTERMANN, J. (1998b) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, p. 73-85.
- UNTERMANN, J. (1999) - Über den Umgang mit iberischen Bilinguen. In SCHINDLER, W.; UNTERMANN, J., eds. - *Grippe, Kamm und Eulenspiegel. Festschrift für Elmar Seebold zum 65. Geburtstag*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 349-357.
- UNTERMANN, J. (2001) - La toponimia antigua como fuente de las lenguas hispano-celtas. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, p. 187-218.
- VELAZA, J. (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 4).
- VELAZA, J. (1992) - Βασπεδ- sur le plomb grec d'Emporion: un anthroponyme ibérique?. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 27:3-4, p. 264-267.
- VELAZA, J. (1996a) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (1996b) - *Cronica epigraphica Iberica*: hallazgos de inscripciones ibéricas en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989-1994). In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 311-337.
- VELAZA, J. (1999) - Balance actual de la onomástica personal celtibérica. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico"; Salamanca: Universidad, p. 663-683.
- VELAZA, J. (2000) - Nueva hipótesis sobre la inscripción ibérica del teatro de Sagunto. *Saguntum*. Valencia. 32, p. 131-134.
- VELAZA, J. (2002a) - Las inscripciones monetales. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M. - *Arsé-Saguntum: historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunto: Fundación Bancaja, p. 123-148.
- VELAZA, J. (2002b) - Et palaeohispanica scripta manent: l'epigrafia romana com a model de les epigrafies paleohispàniques. In *Scripta manent: la memòria escrita dels romans*. Barcelona: Generalitat de Catalunya [etc.], p. 52-65.
- VICENTE, J. D.; EZQUERRA, B. (1999) - El bronce celtibérico de Torrijo del Campo (Teruel). In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico"; Salamanca: Universidad, p. 581-603.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VIVES, A. (1924-1926) - *La moneda hispánica*. Madrid: Real Academia de la Historia.